Camilo Castello Branco

Obras

LELLO & IRMÃO

EDITORES

PORTO

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone, 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

W. 37

e CAMILLO CASTELLO BRANCO

(ORIGINAES E TRADUCÇÕES)

Edições da LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão — PORTO

Todos os volumes com o retrato do auctor, e lindas cartonagens

Amor de Salvação, cart.	700
Amor de Perdição, cart.	700
Amor de Perdição, edição de luxo, cart. . .	4$500
D. Antonio Alves Martins, cart..	300
Assassino de Macario, cart..	700
Amores do Diabo, cart.	700
Brazileira de Prazins, cart..	700
Bom Jesus (No) do Monte, cart.	700
Bohemia do Espirito. .	1$000
Bibliographia portugueza e estrangeira, 4 volumes, cart..	2$800
Corja, cart..	700
Cancioneiro alegre, 2 vol., cart.	1$400
Carta de guia de cazados, cart..	500
Compendio da vida e feitos de José Balsamo, cart..	700
Carrasco de Victor Hugo José Alves, cart.. . .	700
Criticos do Cancioneiro, cart..	300
Diccionario de Educação e Ensino, 3 grossos vol., enc. em carneira	11$000
Espada de Alexandre, cart..	300
Echos humoristicos, cart.	500
Eusebio Macario. cart. .	700
Freira no subterraneo, cart..	700
Genio do Christianismo, 2 vol., cart..	1$700
General Carlos Ribeiro, cart..	400
Immortalidade, cart.. .	800
Jesus Christo perante o seculo, cart. . . .	800
Livro de consolação, cart.	700
Luiz de Camões, cart. .	300
D. Luiz de Portugal, cart.	500
Memorias de D. Frei João de S. Joseph de Queiroz, cart.	700
Maria da Fonte, cart. .	700
Mata-a ou ella te marará, cart.	300
Mosaico e Sylva, cart. .	700
Noites de insomnia, 12 vol. em 4. cart. . .	3$200
Othello, o Mouro de Veneza, cart.. . . .	400
Poesias e prosas de Seropita, cart. . . .	700
Questão da Sebenta, cart.	700
Riquezas do pobre, cart.	700
Ratos da Inquisição, cart.	800

Senhora Rattazi, cart. .	300
Seroens de S. Miguel de Seide, 6 vol. em 2, cart.	1$600
Sá de Miranda, cart.. .	300
Vinho do Porto, cart. .	300
Visconde de Ouguella, cart..	500
Vaidades irritadas e irritantes, cart.. . . .	300
Voltareis ó Christo, cart.	300
Volcoens de Lama, cart.	700
Vida de D. Affonso VI, cart..	600

Obras de fundo impressas ainda em vida do grande romancista, á venda na mesma Livraria

---

Mysterios de Lisboa, 2 vol. broch.	1$000
Cart.	1$400
Onde está a felicidade, broch.	500
Cart.	700
Scenas da Foz, broch. .	400
Cart.	600
Romance d'um homem rico, broch..	500
Cart.	700
Anathema, broch. . . .	500
Cart.	700
Neta do arcediago, br. .	400
Cart.	600
Sereia, broch..	500
Cart.	700
Carlota Angela, broch..	500
Cart.	700
Horas de Paz, broch. .	600
Cart.	800
Lagrimas abençoadas, broch.	400
Cart.	600
Duas horas de leitura, broch.	400
Cart.	600
Agostinho de Ceuta, drama, broch.	240
Poesia ou dinheiro, drama, broch.	200
Justiça, drama, broch. .	200
Purgatorio e Paraizo, drama, broch. . . .	200
Espinhos e flôres, drama, broch.	300

Camillo Castello Branco, sua vida e obras por J. C. Vieira de Castro, br. 600. Cart. 800

Ofélia Campos e
Branco 1912

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

Porto — Typographia Elzeviriana, rua do Bomjardim, 190.

Adolph Lampain
Julho de 1912

C. Castello Branco

OS RATOS

DA

INQUISIÇÃO

POEMA INEDITO

DO JUDEU PORTUGUEZ

ANTONIO SERRÃO DE CRASTO

PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

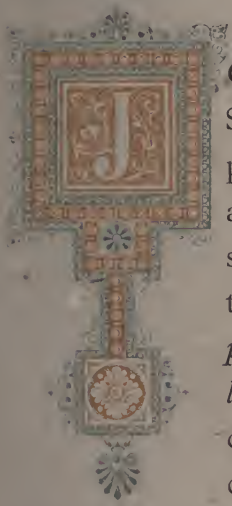
PORTO

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

1883

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

PREFACIO BIOGRAPHICO



OSÉ Maria da Costa e Silva, um critico destemperado que ainda tem apologistas de boa fé, e se vende caro nos dez tomos do *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes,* quando chêga á segunda metade do seculo XVII, cuja litteratura deslustra com ignaras facecias, dispara contra o poeta Antonio

Serrão de Crasto as suas banaes surriadas de remoques; mas explora-lhe vinte e uma paginas para avolumar o tomo VIII.

A critica de Costa e Silva ainda hoje em dia tem discipulos aborigenes que conservam aberta a escola no dorso rijo do eterno caranguejo que nos traz inguiçados. São uns que desterroam a poesia nacional como quem paleontologicamente escava terrenos, de camada em camada, e usam ainda do ferro e do ouro e do chumbo para abalisarem a idade do pensamento. Asseverando que Gil Vicente e Antonio Prestes foram a rude idade-media, Camoens a renascença classica, Jeronimo Vahia a decadencia impulsionada pelo culteranismo dos jesuitas—como se Gongora vestisse a roupeta de Ignacio de Loyola; e finalmente, assentando que os arcades representam a regeneração, agrupam á volta destas bandeiras certos no-

mes consagrados nas *Selectas,* e cuidam ter extremado quatro Ideaes distinctos quando não fizeram mais que desmembrar em quatro formulas plasticas o que era uma só esthesia sob feiçoens differentes, desfiguradas por influencias exteriores. A Arte observa uma lei imprescriptivel: é a que lhe urge pôr em perfeita harmonia a forma, grave ou folgazan, com a idêa austera ou burlesca, predominantes em cyclos diversos. Gil Vicente individualisa a sua epoca — as crenças absurdas, a heresia revolucionaria, frades hypocritas, a gentalha fanatica e depravada, a anomalia de muita corrupção e muito temor de Deus e do diabo; — *Maria Parda,* a lendaria bebeda; as tres *Barcas,* que parecem a zombaria da escola dantesca estragada em Espanha; a *Rubena* que geme no palco, em presença da corte, as suas dores-de-parto. Luiz de Camoens, prope-

lido por dislates amorosos e leveza de juiso ás aventuras da India, faz os *Lusiadas,* quando o nosso imperio levantino começa a desabar. D. Thomaz de Noronha, o frade Vahia e o judeu Serrão, atascados no enxurdeiro da corte de Affonso VI e Pedro II, vibram gargalhadas sonoras para chamarem a curiosidade de um povo que não tem espectaculo serio que lhe offereça incentivo a lastimas. A Arcadia é o grupo de alguns sombrios espiritos que se apartam da bachanal do Thomaz Pinto e dó Camoens do Rocio — poetas cesareos de D. João V — e deliciam-se nas sensualidades langorosas, delicadas da Sapho apocrypha, inspiradoras da *Cantata de Dido,* e nas gravidas philosophias horacianas que dão á luz Filintho Elysio, Garção, Diniz e os seus camaradas dessidentes das estridulas bagatellas bocagianas. Mas toda essa torrente de

ideaes, ora torvos, ora limpidos, era virtualmente um genio unico, logico, omnimodo — coisa de per si tão levantada que é uma quasi mesquinharia deter-se a critica a esgaravatar, com o croque da rancida rhetorica, se Gil Vicente era mais lidimo vocabulista que Sá de Miranda, e se os themas jocosos da *Academia dos Singulares* poderiam ouvir-se hoje na Academia real das sciencias sem uma grande algazarra de tacoens e apitos.

Antonio Serrão de Crasto foi um dos primeiros engenhos do seu cyclo. Não havia poeta serio, e elle foi um dos que mais fez rir, com inveja do proprio capitão Antonio da Fonseca Soares que, antes de ser homicida e crismar-se seraphicamente em fr. *Antonio das Chagas,* abusou de todas as libertinagens poeticas para não desatremar da pleyade dos seus mais graduados contemporaneos.

*

Costa e Silva nada sabia da vida do judeu Antonio Serrão, e justifica a sua desmazelada negligencia, encostando-se ao cauto silencio da *Bibliotheca Lusitana* e á ignorancia de Nicoláo Antonio. «Ignora-se quem foram seus pais, diz o critico, quaes foram os seus estudos, que profissão exerceu, quaes foram os seus meios de viver, que decerto não foram muitos, pois em algumas das suas poesias elle proprio nos informou de que era pobre. Ignora-se finalmente a sua morte; consta, porém, que ainda vivia em 1683.» (1) Innocencio Francisco da Silva, attido á insciencia dos trez, declara que o abbade

(1) *Ob. cit.*, tom. 8, p. 173.

de Sevér, indefesso investigador, não podéra averiguar noticias de tal poeta.

Ora Diogo Barbosa Machado tinha trez annos quando Antonio Serrão morreu. Desde a sua puericia ouviria fallar do famoso Auto-de-fé de 1682 e do poeta christão-novo penitenciado que fôra, n'esse atroz holocausto ao Deus misericordioso, a mais deploravel das victimas, porque assistira ao garrote de um filho e vira crepitar a fogueira que lhe esfarellára os ossos. O auctor da *Bibliotheca Lusitana* sabia com certeza o que os biographos seus successores ignoraram; mas a Inquisição estava no acume da sua intolerancia quando o abbade de Sevér publicava o primeiro tomo da sua obra. Cumprindo-lhe catalogar, na lettra A, o poeta ainda celebre na memoria dos seus contemporaneos, absteve-se de alludir á mendicidade a que o reduziu o Santo Officio,

depois de dez annos de carcere. Barbosa Machado fez rol de numerosos hebreus portuguezes desterrados e succumbidos nos carceres da Inquisição; mas nunca se descuidou em deixar transparecer a parte que os dominicanos tiveram nos ignorados destinos dos seus biographados. Dois annos antes de vir a lume o primeiro tomo da *Bibliotheca,* foi queimado o celebre hebreu Antonio José, no Auto-de-fé de 1739; pois Barbosa Machado escreve apenas *que elle era do Rio de Janeiro, que advogára em Lisboa, e tivera genio para a poesia comica.* A respeito da sua morte, nem uma palavra.

*

Os *Serroens* vieram de Espanha, onde se chamavam *Serranos,* em 1492, no reinado de D. João II. Com elles expatria-

ram-se notabilissimos mestres thalmudicos e rabbinicos. Desde aquelle anno até 1497 convergiram a Portugal os mais doutos professores de Castella, e, com elles, todos os codigos impressos e manuscriptos da synagoga. As judiarias portuguezas já d'antes primavam em sapientissimos doutores que tinham mantido as tradiçoens da sua antiga Academia dos *Rabbanim* prosperada pela protecção dos reis lusitanos desde Affonso II até 1497. (1)

Alguns dos Serroens aceitaram o jugo da conversão, pelo baptismo, mais ou menos fraudulentamente; outros estabeleceram-se em Amsterdam. Havia Serroens fidalgos no reino; mas esses não tinham que vêr em sangue e em fé com

(1) Esta Academia existiu primeiro entre as egrejas do Carmo e Trindade, e foi depois transferida para o bairro da Conceição. V. *Litteratura sagrada dos judeus portuguezes,* por A. Ribeiro dos Santos, nas *Memorias de litteratura portugueza,* tom. 2.º, pag. 252 e seg.

os de Espanha. Dos de sangue puritano e christianissimo, era aquelle Manoel Serrão, capitão de Manar, um valente de quem Camoens dizia na carta: *Sicut et nos manqueja d'um olho.*

Os Serroens christãos-novos professaram quasi todos a medicina. Gaspar Serrão, nascido em Evora, foi medico do imperador Maximiliano, e regressou da Allemanha a Portugal em 1599. Teve um irmão, Lopo, tambem medico, que foi da real camara do sr. D. Sebastião. Á sombra da salvaguarda do rei escreveu plangentemente, Lopo Serrão, das lagrimas dos israelitas á margem do Rio de Babylonia e da sua evasão do Egypto. (1) Não sei se afinal a Inquisição o fez chorar prantos mais amargos e menos mythologicos que os dos seus antepassados no capti-

(1) *Deploratio populi israelitici justa flumina Babilonis et ejusdem exitus de terra Ægipti.*

veiro assyrio. João Serrão, de Tavira, foi medico do duque d'Aveiro D. João de Lencastre. Pedro Serrão, tambèm medico em Lisboa, foi pai do poeta Antonio Serrão, e escreveu, diz João Franco Barreto, um tratado inedito das *virtudes e variedades dos mariscos.*

Antonio Serrão era *Crasto* — como elle se assignava — ou *Castro* por sua mãe. Os menos versados em heraldica sabem que no rico thesouro da nobresa lusitana ha *Castros de treze arruelas,* e *Castros de seis* e *Castros de nove.* Ora, os Castros de nove arruelas, em tempo de D. João III, ainda não se presavam de fidalgos. Eram uns judeus conversos opulentissimos que moravam na Fanga das farinhas, — Luiz e Diogo de Castro, filhos do mercador Antão Vaz de Castro que deu 50:000 cruzados á rainha regente D. Catharina como auxilio á defeza da praça de Mazagão; e

depois a regente, em nome do neto, fez fidalgos de solar conhecido os dois filhos do generoso judeu — *sem embargo do defeito de nascimento,* como diz o alvará de mercê. O representante destes *Castros do Rio* («Rio de Sacavem» chamava-se a quinta nobilitada em *solar conhecido)* era ha trinta e tantos annos o conde de Barbacena que presumia incorrectamente descender, por *Castros,* da rainha Ignez. Não liquidei se a mulher do medico Pedro Serrão era ramo destes *Castros,* familia derramadá por todo reino, e especiálmente domiciliada em Bragança, onde se aliançou com *Pereiras,* ha poucos annos enlaçados matrimonialmente com o conde de Lagoaça, um argentario portuense, esperto, bom palinuro nas tempestades politicas, esfervilhador como todos os da raça judenga que põe mão na respublica; de resto, regenerador ferventissimo. O conde,

procedente de uma velha stirpe transmontana, era o typo semita mais plasticamente caracterisado que eu ainda vi. Parecia-se muito com o tetrarcha da Galilea Herodes Antipas, como Albert Dürer o fantasia em uma das suas telas do *Homem das dores,* muito conhecidas na gravura de Depian.

Destes Castros foi tambem rica vergontea a dos Moraes e Castros que edificaram o palacio chamado *dos Carrancas* que é actualmente no Porto o paço do rei. Estava a representação desses opulentos industriaes na fallecida sr.ª baroneza de Nevogilde, mãe do sr. David Augusto Borges de Alvim Moraes e Castro para quem as lettras amenas tem sido um refrigerio nos contrastes da infermidade e da desfortuna (1).

(1) Escriptores hebraicos de appellido *Crasto* ou *Castro* conhecem-se impressos os seguintes:

*

Antonio Serrão exercitou em Lisboa a lucrativa arte de boticario. Os seus biographos nem a profissão lhe descobriram, porque não leram os seus discursos. É elle mesmo quem publicamente se honra do seu officio no *Discurso* proferido na *Academia dos Singulares,* na sessão de janeiro de 1664. Como presidente,

Isaac de Castro escreveu sobre o principio e restauração do mundo.

Isaac Orobio de Castro, conselheiro do rei de França, auctor de *Israel vingado* e outras obras.

Jacob de Castro Sarmento, medico e auctor de escriptos muito conhecidos.

Bento de Castro, que depois se chamou em Amsterdão *Baruch* Nehemias, era filho do medico portuguez Rodrigo de Castro. Escreveu *Monomachia* ou *Certame medico.* Foi medico da rainha Christina da Suecia.

Abrahão Mendes de Castro é o editor da *Biblia he-*

refere que fôra arrebatado ao olympo; conta as maravilhas pagans que o deslumbraram; e, quando, diz elle, *parecendo-me que não tinha mais que ver quiz saudoso deixar tão ameno sitio, pegando de mim as nove irmans, fazendo grandes algazarras em bandurras, rabís, citharas, guitarras, me levaram preso deante do deus Apollo, dizendo: «Este é um barbado que se metteu a ser poeta e falar entre discretos, quando não sabe mais que tratar com os simples da sua botica, e não*

braico-espanhola, primorosamente impressa em Amsterdam, anno 5522 (1762 de Ch.) pelos esmerados typographos portuguezes José Manoel e Abrahão Hatias. Mendes de Castro corrigiu o texto da celebre Biblia de Ferrara, com profundo conhecimento da lingua castelhana. Existe um exemplar na bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Da familia dos *Serroens*, um José Franco Serrão, filho de pais portuguezes, doutor da Synagoga, publicou em 1695 uma traducção do Pentateuco em hespanhol. (Veja *Memorias de litteratura sagrada dos judeus* no seculo XVI e XIV por A. R. dos Santos.)

podemos extinguir deste jardim, de entre as flores do Parnaso, suas inuteis ortigas e despresadas malvas...» (1)

Não sei se tinha cabedaes herdados; mas a botica superabundava-lhe recursos para costear em Coimbra a formatura medica de dous filhos em 1672, posto que elle, em um dos seus poemas, se queixasse do desfalque que os laxantes e xaropadas estavam padecendo com a novidade cirurgica das sangrias:

... que aos boticarios
a sua estrella se offusca;
que as sangrias desterraram
os cordeaes e as purgas.

Começava então a moda indecisa da sangria que, volvidos sessenta annos, chegou ao ponto culminante do seu trium-

(1) Acad. dos Sing. T. 1.º, pag. 240.

pho. Um francez que esteve em Lisboa por 1728, escreveu: *Les Medecins du Païs passent dans l'esprit de la Nation pour être fort habiles; cependant ils sont extrêmement prodigues de sang, et ne connoissent presque d'autre remede que la saignée. Dans les maladies ordinaires, ils commencent par ordonner* huma meia dusia de sangrias, *c'est-à-dire, demi douzaine de saignées; et quand le mal se rend opiniâtre, ils poussent l'ordonnance jusqu'à quinze et vingt; tellement que ce qui peut arriver de mieux au malade, c'est d'en être quitte pour un epuisement dont il a bien de la peine à se remettre.* (1)

Antonio Serrão devia estremar-se entre os boticarios, porque possuia as linguas em que andavam impressas as *Pharmacopeas*. Não havia nenhuma em lingua-

(1) *Description de la ville de Lisbonne.* Paris, 1730.

gem portugueza, e a primeira impressa é obra de um frade cruzio de Coimbra que a estampou em 1704. (1) Os boticarios eram por via de regra *idiotas* (sem letras). Estudavam por uns manuscriptos chamados *Farmaca,* cheios de erros, sem conta nem medida nas drogas, tudo a olho, matando gente como a peste, uns verdadeiros carnifices auctorisados pelas homicidas *Farmacas.* Desta laia de boticarios, pela conta de Christovão Rodrigues, havia 46 em Lisboa por 1551. Assim se explicam as pestes do seculo XVI. Setenta annos depois, segundo o computo de Fr. Nicoláo de Oliveira, eram 43 os boticarios da mesma ralé. Por isso os focos pestilenciaes iam diminuindo á proporção das boticas, ou das *Farmacopolias,*

(1) *Pharmacopea lusitana,* methodo pratico de preparar e compôr os medicamentos na fórma Galenica, etc., por D. Caetano de St.º Antonio, etc. Coimbra, 1704.

como lhes chama o padre Manoel Bernardes. (1) Serrão de Crasto, como latinista erudito, devia conhecer a MEDICINAL MATERIA *Pedanii Dioscoridis Anazar bei,* o

(1) De um livro que seria vulgar, se escrupulos religiosos do editor o não retirassem ha oito annos do commercio, traslada-se por frizar a este bosquejo historico, um capitulo em que está condensada a critica da medicina e pharmacia portugueza do principio do seculo XVIII:

«Direi muito de passagem o que era a profissão da medicina em Lisboa quando Izaac Eliot ali chegou apregoado pelo conde do Rio Grande, e o que ella continuara a ser no lapso de meio seculo. Os monumentos escriptos que uma van curiosidade conserva nas estantes empoadas representam os medicos mais famigerados d'aquelle tempo.

Simão Felix da Cunha, Manuel da Silva Leitão, Joseph Rodrigues de Abreu, Francisco da Fonseca Henriques, Morato Roma, o hebreu Antonio Nunes Ribeiro Sanches — que valia mais que todos — denotam, segundo o voto dos historiographos medicos, á mistura com muitas crendices já refugadas então das universidades europeas, uma parte do adiantamento da sciencia, principalmente da hygiene, no ultimo escriptor referido. Se todavia, dermos fé ás virtudes apregoadas pelos forasteiros que assentavam em Portugal e annunciavam na Gazeta as suas boticas, é rasão acreditar que os medicos dados á escripta e ás theorias haviam

Galeno, o Cornelio Celso, Christovão de Hōnestis, o Avicena, o Zacuto e o Autor do *Modus faciendi,* que é o mais que se podia desejar para honra do boticario e

resvalado a grande descredito. E até certo ponto, D. João v participava da descrença publica nos doutores conimbricenses e nos que já tinha de fóra quando em 1723 mandou consultar os medicos de Marselha ácerca da peste que então ardia em Lisboa.

Desde muito, a concorrencia de curandeiros a Portugal disputava-se a posse da ignorancia do povo, e melhor direi, de todas as classes, porque a rudeza era quasi geral, e ainda os poucos intelligentes não saberiam estremar o empyrismo, quando a enfermidade lhes cegava o entendimento.

Um dos forasteiros que mais de assalto conquistaram a confiança de Lisboa, e anniquilaram a sciencia nacional, foi o boticario Alberto Leonardo Konig, que, na Gazeta de 20 de abril de 1724, se annunciava *official maior da botica imperial de Vienna de Austria* e viera a Lisboa para assistir como Provisor á botica da rainha nossa senhora; e accrescentava que *trazia comsigo muitos segredos medicinaes da augustissima casa de Austria para a rainha e sua familia, e muitos simplices e medicinas uteis e frescas.* E frescas!

Este boticario desbancara o medico de Souzel, o doutor Jeronimo Moreira de Carvalho, que, em fevereiro do mesmo anno, annunciava, na mesma Gazeta, que morava em Sete-cotovêllos, junto ao becco sem

consideravel diminuição na mortandade dos seus freguezes.

Como todos os pharmacopolas abastados, com grande clientella, descurava o

sahida, e *offerecia os seus remedios de carnosidade e mais achaques de rins, bexiga* ... (1) *achaque de pescoço e alporcas; febres e nevoas de olhos, e outros mais remedios efficazes.*

Não conseguiu, porém, o boticario austriaco descer inteiramente da sua reputação na especialidade hemorrhoidas, o acreditado ferrador que se annunciava d'este feitio, na Gazeta de maio: *Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, cursos de sangue e dor de cadeiras sem prejuizo da sua saude vá fallar com Manuel Correia, ferrador ás portas de Santo Antão, que dirá onde se vende.* Era elle o inventor do remedio: e tão limpo de burla que restituia o preço da droga (4$800 reis) se o enfermo, passado um mez, não funccionasse com a maxima sanidade intestinal.

O ferrador já em 1717 havia luctado scientificamente com o *chymico valenciano,* D. Balthazar Gisbert. Este sugeito, que tambem morou no Arco dos Sete-cotovêllos, curava, no espaço de 18 dias, as doenças torpes e inveteradas, desde a 1.ª até á 4.ª especie inclusivè. Afora isto, curava trez castas de *hydropesia,* e todos os *mais affectos uterinos.* Que affectos! Não levava dinheiro sem curar: se matava era gratuitamente.

(1) Os annunciantes não se esquivavam a empregar a terminologia das enfermidades mais hediondas: tal era a innocencia das leitoras.

complicado machinismo de almofarizes e retortas onde se manipulavam as maravilhas therapeuticas. Cultivava de preferencia as amenidades litterarias. Era bom

Quem desluziu algum tanto a estrella do boticario de D. Marianna d'Austria, foi um pseudo fr. Antonio de Castro, que em uma Gazeta de junho de 1724 se annunciou hespanhol e religioso da ordem de S. João de Deus. Vendia:

Agua para tinnidos e zunimentos dos ouvidos, etc.

Balsamos para preservar de aborto, para confortar a memoria e os nervos, etc.

Tinha outrosim *unguento para almorreimas de eximia virtude.* N'aquelle tempo ainda as *almorreimas,* podiam ser eximias. Depois, tirou-se o adjectivo ás mesmas, e grudaram-no aos patriotas—*patriotas eximios,* verdadeiras e importunas hemorrhoidas dos intestinos do Estado.

Os remedios do frade estavam no galarim, quando o encoberto auctor, vaidoso do exito, sahiu com este desmentido na Gazeta de 28 de junho de 1725: *Os remedios publicados na Gazeta de 15 de junho de 1724 em nome dè fr. Antonio de Castro, foram inventados por Luiz da Maya Pinto, boticario do duque de Lafões e morador ás Portas de Santa Catharina, e por modestia se publicaram com o tal nome, etc.* Parece que, desde que o frade deixou de collaborar no gral do boticario, a freguesia voltou-se para o ferrador ou para o ex-official maior da boticà da imperatriz de Austria;

philologo, escrevia poemas macarronicos emparceirado com o celebrado Duarte Ferrão do *Palito metrico,* e primava entre os seus coevos nas academias e nas salas

pois foi ingratidão tanto maior quanto o modesto Maya n'este funesto contra-annuncio, declarava ter inventado tambem um agradavel e *efficaz remedio, entre todos os maiores, para defender o coração de todos os vapores. melancolias, e toda outra malignidade de que fôr accomettido.* E promettia mais invenções em outra Gazeta.

Poucos facultativos podiam ganhar a sua vida decentemente em concurrencia com os curandeiros de casa e de fóra. Em 1731 um notavel cirurgião de Lisboa era obrigado a curar as almas, á mingua de corpos doentes, como se deprehende do seguinte annuncio da Gazeta de 13 de dezembro: *Sahiu á luz uma novena para se festejar o transito do gloriosissimo patriarcha S. José; auctor José da Silva Fernandes, cirurgião aprovado e morador á Horta Secca, em cuja casa, ou na sachristia da parochial igreja de nossa Senhora da Encarnação a póde procurar quem quizer.*

O medico Braz Luiz de Abreu escrevia, no mesmo tempo, a *Vida de Santo Antonio,* e Manuel da Silva Leitão offerecia o seu *Regimento de Paridas* á immaculada e sempre Virgem Mãe de Deus.

Quem manteve sempre inabalavel fama foi um medico lisboeta, de alcunha o *Machuca.* Este doutor, á imitação do medico arabe Thabet, estudava as doenças nas physionomias. O cavalheiro de Oliveira tra-

onde D. Lucas de Portugal, o primeiro palaciano da sua época, se presava de o apresentar como mestre.

Tudo nos inculca que a sua mocidade,

—

tou-o pessoalmente, e refere a seu respeito o seguinte caso: «Fingia conhecer no pulso as desordens commettidas pelos seus doentes; umas vezes, adivinhava que um bebera o vinho prohibido, e outro não observara o silencio prescripto.» Tomava o pulso da donzella, da casada, do mancebo. Á primeira dizia, por exemplo: «a menina comeu uma azeitona, sugou uma laranja.» Á segunda: «a senhora tem ciumes; e desconfio que alguma rasão tem... Seu marido, posto que a ame, ama alguem mais.» Ao rapaz, finalmente, dizia: «o senhor teve cá certa visita, ou recebeu carta do namoro... Não negue, que o pulso denuncia-o.» E fallava quasi sempre tão ao certo que passava por adivinho. E d'ahi o conceito publico, mui grande clinica, e dinheiro a rôdo. Um seu collega, medico de nome e charlatão professo, visinho e amigo d'elle, disse-lhe um dia: «O senhor, que é illustrado e digno, deve saber que eu sou uma das duas coisas, ou muito bruto ou muito infeliz. Temos ambos o mesmo officio e começamos a praticar ao mesmo tempo. O senhor ganhou celebridade e riquesa; e eu... ninguem sabe o meu nome, e tenho apenas o triste rendimento quotidiano da minha pobre familia. Em nome de Deus lhe rogo que me ensine uma diminuta parte do processo que o faz adivinhar; que com isso me fará feliz.»

acariciada de deleites, e depravada consoante a norma do throno e da nobreza, derivou alegremente pelos arroios cristalinos dos banquetes, dos saraus littera-

— Visinho — respondeu o Machuca — eu não adivinho — mas, condoido das lastimas do outro, lealmente lhe declarou que todo o seu saber consistia em certa perspicacia, tino e habilidade no descobrimento de certas coisas que somente os ignorantes podiam imaginar extraordinarias. E acrescentou: «Entro no quarto de um doente; supponha que é uma rapariga incapaz de observar a severa abstinencia que lhe prescrevi; por acaso descubro ao pé de seu leito um carôço de azeitona ou a tôna de uma laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe que ella comeu isto ou aquillo: adivinho; ella nega; mas no seu ar perturbado está a confirmação; insto, ella succumbe, confessa o facto, cuida que adivinhei, e divulga o caso. Os outros successos de que o collega me falla são tão simples, e naturaes como este.» O charlatão replicou: — Agora percebi o seu segredo: espero sahir-me bem. Muitissimo obrigado. Eu lhe darei noticia dos meus progressos.

Sae o homem de casa do conselheiro, e topa uma consternada mulher que o chama para lhe ir vêr o marido que tem febre. Segue-a, e encontra um homem-zarrão, prostrado na cama, a queixar-se de violentas dores de cabeça. Senta-se o medico, toma-lhe o pulso; e observando que debaixo da cama está uma pouca de herva, diz ao doente que elle comeu muita herva, e por isso está mal.

rios, dos amores monacaes e dos prazeres faceis com umas bizarras regateiras de fructas e pimponas lavadeiras que elle cantou. Conhecem as trovas á Luiza que

— O sr. é um bebedo! — exclamou o doente. — E vossê é uma besta que come herva! — retruca-lhe o doutor. — O enfermo irrita-se, esquenta-se, e diz-lhe que a mulher não topou mau burro na rua. Sustenta o doutor que burros são os que comem herva. O doente enraiva-se, salta da cama já curado pela ira, a mulher faz côro com elle, saltam-me em cima do medico, e pregam-'no de trambulhão no fundo da escada. Com a espadua contusa, o adivinho infausto foi contar o exito ao collega. Divulgou-se a desgraçada aventura, e todos zombaram do charlatão.» (1)

Até aqui o fragmento extrahido da novella chamada A Caveira da Martyr.

Depois, começaram a regenerar-se as boticas pelo alvará de 7 de janeiro de 1784 que obrigava os boticarios a usarem da *Pharmacopea geral* e lhes prohibe o uso de outra. O edital de 31 d'agosto de 1794 ordena que os boticarios sejam educados na Casa Pia; e, pelo edital de 15 de julho de 1800, teve conhecimento o publico do processo como elles eram examinados. Foi então que até certo ponto se estabeleceu a tranquillidade dos doentes e a confiança nas boticas.

(1) *Oeuvres mêlées, ou Discours historiques,* etc. Londres, 1751, t. 1, pag. 66 e segue.

vendia maçans? Como isto seria bonito, d'uma frescura de prados em flôr, se não fosse a desgraça das consonancias atoantadas!

Para a feira vae Luiza
Com seu balaio á cabeça
Todo enramado de louro
E cheio de camoezas.

Leva saia de jilesia,
Tambem jubão branco leva,
Que serve o jubão de branco
D'onde Amor atira as flechas.

Sobre os dedos pendurados
Leva os seus punhos de renda.
Tão valentona caminha
Que treme o bairro de vêl-a.

Lá no meio do Rocio
Levanta a voz mui serena,
Como se aprendera solfa:
«Eu já tenho camoezas.»

Á voz tão divina e grave,
A voz tão de prata e bella,
Os galantes se alvorotam
E ferve a bulha na feira.

Deixam todos as boninas
Só por vêr esta açucena;
Em um momento cercada
Se viu esta fortaleza.

Os requebros que lhe dizem
São balas de feras peças;
Mas no ouro do seu peito
Acham grande resistencia.

Uns apreçavam a fructa,
Outros tiram da algibeira
Ás mãocheias os tostoens,
Aos alqueires as moedas.

Mas Luiza, mui de espaço,
Levantando a voz tão bella,
De quando em quando repete:
«Eu já tenho camoezas.»

*

Serrão nascera em 1610; e ainda em 1665, na *Academia dos Singulares,* cujas sessoens se celebravam nas suas salas, mantinha a mesma jovialidade dos annos florecentes, e uma nutrição significativa de vida socegada e pachorrenta. Sei que elle era gordo, depois que empreguei um processo paciente. Presidindo Serrão á Academia de 12 de fevereiro de 1665, deu os assumptos da seguinte sessão.

AO SENHOR ANTONIO MARQUES

disse elle:

Um romance se reserva
Em que nos diga que coisa
De noite mais o inquieta,
Se uma pulga n'um ouvido
Ou de um mosquito a trombeta?

Um assumpto bonito, que nos dá saudades das Academias do seculo XVII e nos parece a quinta essencia do espirito reinadio da monarchia dos dois irmãos Bragança.

Antonio Marques, cantor da real capella, respondeu que o mosquito o atormentava mais que tudo; e acrescenta:

Quando este me solicita
Então me offende e me agrava,
Pois presume sou a pipa
Da Presidencia passada.

D'aqui, da pipa, inferi que o Serrão era gordo; salvo se lhe quiz chamar bebedo pela attracção que leva os mosquitos para as pipas; mas não é natural que o cantor da real capella, um aulico, desfechasse um chasco tão plebeu á ex-presidencia.

O leitor deve ter noticia de uma copla que eu ha trinta e seis annos ouvi em

Coimbra declamar pelos magros estudantes com uma toada melancolica, ás margens do Mondego, por noites de luar:

Ó homem da caravella,
Levas a morte comtigo.
Essa mulher que ahi levas
É casada e tem marido.

A quadra, se não é de Serrão, recitou-a engenhosamente glosada, dramatisando n'um dialogo apaixonado o desleal Páris, a treda Helena e o triste do Menelau minotaurisado.

*

Em vista d'estas especies, o leitor desconfia conspicuamente que eu o estou relacionando com um congresso de vadios sandeus, operando na Academia como em

forja de parvoices. Pois eu lhe vou relatar o conceito que os *Singulares* de si propriamente formavam, estribados na opinião publica e no phrenesi com que as suas obras impressas eram devoradas na corte, na sociedade selecta e ainda na burguezia envaidecida de ter nas Academias os seus bachareis, os seus prebendados, os seus boticarios e os seus baritonos da real capella.

Quando discursava em prosa, Antonio Serrão tinha sempre um sonho. Quem duvidará que elle fosse o precursor, como logo mostrarei efficazmente, d'estes artistas da novella de hoje em que os sonhos são tão frequentes? Sonhou elle pois que, encostando-se acaso a uma pipa, um venerando velho que lá estava dentro, mandou-o afastar-se — que lhe tirava o sol. «Quem és tu — pergunta-lhe o poeta — que feito alma d'essa cuba, caracol d'essa

casca, tartaruga d'essa concha e marisco d'esse busio, tão imperiosamente mandas a um homem da minha auctoridade, que ja fui presidente da Academia dos Singulares de Lisboa?»

Aqui está o Serrão a judear com os confrades; mas a resposta do interrogado enche-os de justa ufania. Diogenes responde que a sua patria fôra a Grecia emquanto n'ella se professaram sciencias; e, «como Lisboa, diz elle — é hoje o centro d'ellas, como o testemunham uma Singular e uma Generosa Academia, esta é hoje a minha patria.»

Tristão Guedes de Queiroz, presidente da sessão de 28 de dezembro de 1664, concorda com Diogenes, fechando assim o seu discurso: «Temos mostrado como n'esta Singular Academia se acha toda a Filosofia.» Achava-se pois toda a philosophia, além do centro das sciencias,

n'aquella patuscada academica. É certo que o erudito cathalogador dos *Autores e obras que se leram* para a formação do *Diccionario* da Academia inscreve os Singulares na sua Classica, *por serem os engenhos mais celebres da sua idade e pela abundancia de vozes e phrases familiares que se encontram nos seus escriptos*. Parece portanto que Diogenes, anojado da ignorancia da Academia Franceza e da Sorbona, procedeu ajuizadamente rolando a pipa até á rua dos Calafates.

*

Serrão escreveu poemas ineditos d'uma obscenidade que transcende as poesias fesceninas de frei Simão, *o torto,* de fr. Pedro de Sá, o proverbio da brejeirice, e do Lobo da Madragôa, as delicias do se-

nhor D. João v. (1) A memoria de Bocage está infamada em um tomo supplementar das suas obras que se vendia clandestinamente, ha vinte annos, em todas as livrarias e a ambos os sexos, e cuja edição se esgotou, ao passo que os volumes honestos deram prejuizo ao edi-

(1) As ineditas do judeu a que me refiro n'este preambulo são parte de 10 tomos que possuo intitulados *Cancioneiros dos seculos XVII e XVIII.* Algumas poesias impressas de Serrão de Crasto posthumamente foram mutiladas para o prélo, se continham alguma rebuçada allusão ao Santo Officio. A mais importante para a sua biographia é uma carta escripta a Francisco de Mensas depois que o poeta sahiu penitenciado da Inquisição e arrastava os dois restantes annos de vida mendigando por portas dos velhos e raros amigos que o não desampararam. (1)

(1) Francisco de *Menzas* ou *Meza* tambem era christão novo. Retirou-se para Amsterdão depois da morte ou durante os ultimos mezes de vida de Antonio Serrão de Crasto. Deste exilado procedeu Abraham Haim Jahacob de Salomoh de *Meza* com cujo nome em 1764 (anno hebraico 5524) se publicou *Meditaçoens sacras, ou sermoens varios,* etc., afim de prover com o seu producto aos filhos do auctor. Era considerado a *primeira columna de Beth-Diu* da congregação de Amsterdão segundo diz o editor R. Ishac de Elian Acohen Belinfante. Innocencio Francisco da Silva inadvertidamente assigna a primeira metade do seculo XVI a Mesa, tendo elle morrido na segunda metade do seculo XVIII.

tor. Pois as poesias ineditas e lascivas de Serrão de Crasto parecem os pantanos pestilenciaes onde Elmano saciou a sêde de conspurcar em si o engenho que o não resgatava da miseria por onde se enxarcára com o *claro auditorio seu.*

*

Na sessão academica de 9 de novembro de 1664, o presidente, n'um rapto de consternação romanesca, propôz para thema de dissertaçoens poeticas o amor insano que levou Thysbe ao suicidio, encontrando o amado Pyramo banhado no proprio sangue, a escabujar na garganta da morte. Elegiaco assumpto! Cada um dos vates descreveu lacrimavelmente o terror da menina, que, fugindo a um leão faminto, lhe arrojou a touca e o manto.

Pyramo chega á fonte murmurosa onde era costume encontrar a sua doce amiga convulsa nas ancias de o abraçar, e acha o manto esfarrapado ás garras da fera. Suspeitando que Thysbe houvesse sido devorada, desentranha-se em gritos de desesperada afflicção, gemidos que rasgavam o céo, chamando-a n'uns brados que eram um estalar-se o peito a pedaços. Este episodio pungente, o dos clamores de Pyramo, exprime-o Antonio Serrão d'este feitio:

> Pela bôcca como odre
> fallou, e com grande zurro
> chama a Thysbe; mas quando ella
> chegou, já estava bem murcho.

Pyramo estrebuchava nas ultimas vascas; e ella, inclinando as pomas arquejantes ao ferro do amado, ali se finou traspassada. Pois sobre a sepultura d'es-

tes infelizes, ainda chorados pelos vates arcadianos d'esta sensivel Lusitania, recommenda o academico poeta que se grave o seguinte epitaphio:

Aqui jazem dois amantes
Tão amantes como bestas;
Pois quem faz coisas como estas
Bestamente são constantes.
Morreram como bargantes
Por amores! quem tal viu,
Que de ambos se não riu,
E deixou de ter amor,
Pois paga com tal rigor
A quem melhor o serviu?

Digamos verdade. O judeu, n'este poema, avançou duzentos annos para áquem dos penetraes do seu tempo. A troça que elle fez ao assumpto era a prefulguração, a preexistencia bi-secular d'este nosso meio social. Em a nossa actual Academia real das sciencias ninguem hoje em

dia, tirante o sr. conselheiro Viale — uma erudita cristallisação da idade de ouro — trataria os negocios amorosos de Pyramo e Thysbe com mais finas sentimentalidades.

Entre os seus confrades *Singulares* que estillaram rhetoricas sediças sobre o funesto caso, Serrão foi unico, singularmente sincero, galhofando com o archaismo mythico, e pondo nas suas endeixas piccarescas umas tonalidades do nosso realismo motejador. Se Thysbe e seu amante possuissem uma disciplina scientifica, não seriam uns romanticos sem criterio que, por falta de orientaçoens mentaes, se relaxaram, victimas de umas subjectividades idiotas, ás tragicas trivialidades dos suicidios — tudo no plural. Por isso, o Serrão dizia com um presentimento comteano, e n'uma intuscepção das leis sociologicas:

Aqui jazem dois amantes
Tão amantes como bestas;
Pois quem faz coisas como estas
Bestamente são constantes.

E diz que

Morreram como bargantes,
Por amores!

Tal qual como a Idea nova modernamente capitúla os cretinos que, desvairados pelas paixoens de 1830, descarrilados da via pratica, sem vislumbres de biologia, se despedaçam no penhascal anguloso das inevitaveis miserias fatalmente impostas pela violencia dos temperamentos.

Por tanto, a poesia burlesca de Antonio Serrão é documento de que houve ahi uma intelligencia precocemente revoluciva em um meio incoherente, e por

isso mesmo destinada ao martyrio de todos os iniciadores.

O Serrão, uma vez por outra, não podia refrear a zombaria dos seus proprios collegas e dos assumptos palermas que se ventilavam na Academia. Dera-se como thema para versejadura o desejo que uma senhora manifestára de ouvir os *Singulares*. Antonio Serrão dá conta á dama das sessoens que ella poderia ter disfructado, se lá fosse:

Se cá vieras, souberas
Muito galantes cantigas,
E, cantando-as á guitarra,
A todos trela darias.

•

Viras Helena e mais *Paris*
Feitos *nones* na fugida,
E viras Pyramo e Thysbe
Feitos sardinhas d'espicha.

Hippomenes e Atalanta
Tambem cá os acharias,
Não por amantes de assento,
Mas amantes de corrida.

Outra viras desmaiada
Por causa de uma sangria,
Sendo que em sangrar as bolças
Sempre foi muito perita.

Viras Hero e mais Leandro,
Ambos com grande fadiga,
Elle, afogado em negocios,
Ella quebrar por ser fina.

Etc. Faz a lista de todas as semsaborias solemnemente versadas no congresso, cuja primasia os collegas lhe conferiam, apesar de mordidos pela ironia do judeu. João Pereira da Silva, classificando-o entre os seus collegas, diz-lhe em plena assemblea:

A todos elles no meio
Por cima levaes o collo,
E pareceis qual parece
O cysne entre patos novos.

A comparação dos patos tem uma verdade naturalista que nunca ha de envelhecer em quanto houver academias, com a actividade litteraria e creadora de aviarios.

*

Os gracejos com que o academico alegrava as suas poesias deviam ás vezes toar asperamente nos ouvidos piedosos. A chalaça puchava por elle até á imprudencia, em annos tão avançados que nem para o genio, se o houvesse n'isso, teria desculpa. Temos mais de um exemplo nos seus poemas em que parece metter a riso deslinguadamente os assumptos

melindrosos da religião. Quando, uma vez, se celebrava o milagre de S. Francisco Xavier que adoçára a agua do mar com o contacto do seu bemdito pé, Antonio Serrão rompeu d'este modo o seu extasis seraphico:

Hoje, minha caballina,
Será, Santo Xavier,
Esse mar que vós tão dôce
Fizestes com vosso pé.

De meus versos a medida
Cuido que certa hade ser,
Porque errar não posso, tendo
Vosso pé por petit-pied.

Vosso pé mettestes n'agua
E ficou uma agua-mel,
Eu então, não tendo sêde
Bebera o mar por um pé.

Agua-ardente de cabeça
Quem quizer póde beber,
Que eu, antes que a melhor Candia,
Beberei d'esta agua-pé.

Os confrades da Academia, se não perceberam a galhofa, deviam ter quinhão no epitaphio de Pyramo e Thysbe. Bestas maiores da marca.

Com a Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, de que o judeu era indignissimo irmão, não andava muito acreditado. Estas duas quadras destoavam da seriedade de uma Ordem tão respeitavel, que se preza de contar como irmãos os monarchas e principes portuguezes quasi todos:

Uma Musa ferçureira
Invoco para estes versos
Porque só onde ha ferçuras
Os coraçoens acharemos.

Já passou acaso o entrudo?
Estamos já no «Memento»?
Que pratos de coraçoens
Nos offerecem os Terceiros?

N'outra occasião, fôra assumpto academico deplorar uma freira, muito austera e musica primorosa que fallecêra em cheiro de santidade. No romance de Antonio Serrão gemem estas melodias:

. . . . . .
Se era musica estremada
Achará lá mil capellas.

Todos lá cantam com graça
Que ninguem lá vae sem ella;
E, cantando sempre o «Sanctus»,
Estão em «Requiem œternum».

Do Serafim S. Francisco
Guardava a segunda Regra,
E agora estará na gloria
Já feita nossa Terceira.

Quando suspeitava que o Santo Officio o trazia de olho e os Familiares o encaravam de esconso, punha-se a escrever e

a divulgar romances, uma especie de actos de contrição que distribuia e dos quaes possuo cinco. Mas nem o pavor da Inquisição o corrigia do motejo mal disfarçado na compostura hypocrita.

Parece que elle exagerava a imbecilidade intellectual dos christãos velhos, arranjando uns conceitos amphibologicos, mas muito transparentes para quem estava affeito na sala do tribunal a argumentar com hebreus espertos e rebeldes. Nos cinco *Romances,* que Serrão chama «de penitencia» não perde lanço de lembrar que Jesus Nazareno nascêra judeu, e como tal cumprira, ao oitavo dia, o preceito legal da circumcisão — reliquia judaica do cannibalismo de Jehovah-Moloch:

Por mim chorastes nascendo,
E, de oito dias nascido,
Por mim sangue derramastes
Soffrendo cruel martyrio.

Para o reduzir, quanto possivel, ás condiçoens triviaes de homem, diz que Jesus fôra havido como filho de Joseph; e, n'essa hypothese favoravel ao seu requerimento de peccador, empenha em seu patrocinio a familia toda de Christo —a mãe, o pae Joseph, o primo Baptista, e de mais a mais S. Francisco para padrinho, pois que o jubileu da Porciuncula a que o poeta contrito devotamente concorre é em casa do ultimo santo:

E pois fostes de Joseph
No mundo por filho tido
Por meu advogado o tomo
E ao Baptista, vosso primo.

E, porque este jubileu
Em vossa casa, Francisco,
Espero hoje alcançar,
A vós tomo por padrinho.

Insiste em descrever as angustias humanas, as dilaceraçoens da carne de Jesus, os suores do horto,

> A prisão, cordas, cadeias,
> Os açoutes á columna,
> A bofetada tremenda.

É bem notorio quanto os israelitas achavam ignobil que o divino Messias, o Omnipotente, se expozesse aos lentos martyrios humanos infligidos aos malfeitores. N'aquella *tremenda,* adjectivando a *bofetada,* ressumbra o sorriso socratico.

Lembra-se da cana, dos espinhos, do jogo da tunica aos dados, da cruz escandalosa, do fel e vinagre com que, na phrase de Amador Arraes, enxaroparam o Messias — dos cravos e da lançada — tudo que é injurioso ao homem, e inconciliavel com a divindade. Mas, na ressur-

reição, não toca. E depois, n'um tom salgado de ironia, diz-lhe que, ao cabo de tantos trabalhos para o salvar, é justo que não se inutilisem tantos favores.

Pois, Senhor, não permittaes
Se percam tantas finezas
Quando sei que por salvar-me
Por mim todas foram feitas.

Não obstante, e á cautella, recorre ao patrocinio de Francisco, de quem é

indigno filho
Em sua Ordem Terceira.

*

Com os romances de penitencia, com os jubileus na Porciuncula de S. Francisco, e zombando no seu fôro intimo tanto de Moysés como do Galileu, chegou inco-

lume Antonio Serrão de Crasto aos sessenta e dois annos; mas, no dia 8 de maio de 1672, ao cahir da noite, foi preso pelos esbirros do Santo Officio e conduzido ao carcere do Rocio. N'esse mesmo dia, eram presos e encarcerados na Inquisição de Coimbra os seus dois filhos estudantes de medicina; e, passado algum tempo, remettidos para Lisboa.

Ainda, no anno anterior ao da sua prisão, para captar a benevolencia dos dominicanos, imprimiu *Relação das grandiosas festas com que os Religiosos da Sagrada Ordem dos Pregadores do Real Convento de S. Domingos d'esta corte celebrarão as Canonizaçoens dos gloriosos sanctos S. Luiz Beltrão e Santa Roza Maria, e Beatificação de Santa Margarida de Saboya no anno de 1671.*

E, já depois que foi preso, em 1672, no *Forasteiro admirado* appareceu um ro-

mance burlesco de Serrão de Crasto em applauso da Canonisação de Santa Maria Magdalena de Pazzi. Realmente, um romance burlesco na canonisação de uma beata era uma antecipação á *Pucelle* de Voltaire, em demasia temporan!

A prisão d'esta familia motivou-a uma exorbitante imprudencia de um dos filhos do poeta. Pedro Serrão forjava satyras, já contra os lentes, já contra os methodos docentes da Universidade. Esses libellos mordazes, de ordinario, não passavam do gremio dos seus condiscipulos ao conhecimento dos offendidos; e, quando transpirassem, como a religião não era ferida n'esses apodos á ignorancia dos cathedraticos de medicina, Pedro Serrão ia satyrisando impunemente e jactanciosamente com applauso do seu auditorio dos geraes. Aconteceu, porém, n'aquelle anno de 1672, o academico alargar a zona das

suas victimas, fantasiando torneios que celebravam uma festividade universitaria no recebimento de um reitor tambem imaginado. Desgraçada lembrança! Como vai ver-se, Pedro Serrão envolveu na sua chacota a fradaria toda de Coimbra e todos os collegios monacaes, sem exceptuar, ao menos, os dominicanos.

Começava por embravecer contra si os maridos e as esposas da cidade de Coimbra, pondo na vanguarda dos cavalleiros-arautos que sahiram do pateo da Universidade a lançar o pregão do torneio, *uma donzella com uma bandeira reposta sobre um cavallo ricamente ajaezado e na bandeira as armas da cidade.* Ora, o academico deturpava notavelmente o brazão. Sobre pano azul figurou uma gentilissima dama, e do outro lado um veado de ouro com a seguinte legenda por cima das pontas:

Até ao céo chegariam,
Se cada anno houvesse
O que em este acontece.

Ainda havia outra inscripção mais emocional:

Quem n'esta terra casar
D'esta fructa d'Alemquer
Tomará quanta quizer.

No dia seguinte allegorisava elle que sahiram a dar vista os collegios que haviam de esgrimir. Das allusoens a cada um dos collegios fradescos deliram-se as côres jocosas com a noticia das particularidades que as explicavam. Não sabemos que razão se dava para que os collegiaes de S. Thomaz trouxessem por elmo um capello arrabido com a divisa: *Aqui abrem sêlos,* — e como é que o satyrista com tal chufa mostrasse a transcendencia

do seu espirito. Entende-se, todavia, que Serrão lhes mofava da linhagem heraldica, escrevendo-lhes no escudo das armas:

Merecemos pelas lettras
Ir de traz das procissoens
Pois todos temos brazoens.

O collegio de Santo Agostinho movia-se vestido de chamalote preto, com meias mangas *para melhor apparecerem os manguitos, e com mitra na cabeça de uma mula derrabada.* O sal d'esta allusão tambem se não póde saborear; mas ahi já a religião episcopal é offendida, porque em uma bandeira figura Santo Agostinho, de pontifical, entre um cruzio e um graciano.

Toda esta ordem é fidalga,

dizia a lettra,

Uns, com dom, o querem ser,
Outros, sem dom, o parecer.

O collegio de S. Boaventura, pelos modos vezeiro em amores profanos, trazia como timbre um coração inflammado, com o emblema:

No divino, e no humano,
Este trago abrazado,
Porque d'ambos sou tocado.

O collegio de S. Bernardo cavalgava *um quartão de ventas esfarrapadas, com uma colleira de cascaveis,* e uma lettra que dizia: *Alcobaça.* No escudo, uma Pereira em Campo de erva, com a divisa:

Se me faltarem as peras,
Isso pouco importará;
Erva não me faltará.

Esta chalaça ainda se percebe pela ve-

lha injustiça com que os bernardos, aliás doutissimos, eram motejados pelas outras ordens, que nunca tiveram Britos, nem Brandoens, nem Fortunatos de S. Boaventura.

O collegio dos Carmelitas vestido de escarlate com roçagante cauda, e esta legenda:

No que toca a bestidade,
Poderemos dar fiança
Por nós e pela visinhança.

Os loios com uns epigrammas ás suas boticadas, já agora inintelligiveis. Seguiam-se os trinitarios, os jeronimos, com instrumentos de padaria, os cruzios — e os jesuitas, rodeados de grande caterva de mancebos com esta lettra: *Enganados*. O escudo da Companhia de Jesus era uma rêde varredoura com a divisa:

Na India e no Japão
Ou aonde quer que fôr
Apanharei o melhor.

O de S. Bento cavalgava um *grande macho da ordem,* com a lettra:

Assim andava Abacuc no seu tempo.

O poeta malsina-lhes a limpeza do sangue com esta inscripção no escudo:

Em mim tenho misturados
Mouros brancos conhecidos
Entre máos christãos fingidos.

Pedro Serrão devia conhecer os tornadiços da sua raça que vestiam os habitos das ordens, com preferencia ao sambenito.

Entraram todos os collegios a justar no Pateo da Universidade. O primeiro

que sahiu a recolher o campo foi o de S. Boaventura, e ninguem lhe foi ao encontro, *porque jogava de pés e mãos;* a final entrou o do Carmo, e *deram-se tão fortes encontroens que se pozeram logo em quatro pés, e a poder de couces venceu o do Carmo, deixando o outro tão mal tratado de uma anca, que não se podia bolir.* Os dominicanos sahiram aos carmelitas, e no primeiro encontro *romperam a gualdrapa e ficaram em osso.*

Não protrairei o processo dos coucés que os collegios mutuamente se espinoteam. Basta dizer que as settas do Serrão são todas hervadas da peor peçonha para elle, visto que era de esperar que se lhe cravassem de recochête no peito.

Espalharam-se copiàs da satyra. A indignação devia ser universal, nos conventos e nas casas particulares. A espionagem não se cançaria muito em descobrir

o insultador perversissimo que mitrava cabeças de burro e punha frutas de Alemquer nas cabeças dos maridos da cidade. Pedro Serrão foi preso, e mais o irmão cujo nome ignoro, por quadrilheiros da Inquisição. Devia ser geral o contentamento dos collegios infamados pela satyra e das familias honestas mais ou menos identificadas aos creditos d'aquelles frades e collegiaes.

*

Clemente x, em 1673, movido, ao que se diz, pelas *Noticias reconditas da Inquisição,* incorrectamente attribuidas ao padre Antonio Vieira, mandou fechar os tribunaes do Santo Officio, isto é, mandou suspender os processos instaurados, mas não abrir as portas aos encarcerados.

O processo dos Serroens foi suspenso, por tanto, e continuado em 21 de Setembro de 1681 quando Innocencio XI, por bulla de 22 d'agosto d'aquelle anno, restituiu ao Santo Officio todos os seus poderes, nove annos interrompidos. O filho, cujo nome ignoro, de Antonio Serrão, morreu na tortura ou pereceu pelo suicidio no carcere; Pedro Serrão, o da satyra, e seu pai estiveram á espera da sua sentença dez annos menos dois dias a contar de 8 de maio de 1672 até 10 de maio de 1682, dia em que sahiram no auto de fé.

*

Na carta de Antonio Serrão a Francisco Menzas colhem-se alguns traços de sua vida n'esses dez annos.

. . . . . .
Se um dia só de tormento
Parece annos mui largos,
Quantos me pareceriam,
Menos dois dias, dez annos?

Que tantos, Senhor, estive
Antes de morto enterrado;
Se bem morto para o gosto,
Vivo para estar penando.

Que tantos, Senhor, estive
Sem vêr lua nem sol claro;
Porque até o sol e lua
A um triste negam seus raios.

Que tantos, Senhor, estive
Em um carcere fechado,
Porém de ninguem me queixo
Senão só de meus peccados.

Fallando dos filhos e da penuria, compara-se a Job que tudo perdeu, — os filhos e os bens:

E, se Job ficou sem filhos,
Eu em os meus não vos fallo,
Que casos tão lastimosos
Não são para relatados.

Quanto á pobreza a que o abateu o Santo Officio:

Se Job perdeu os seus bens,
Eu d'estes meus limitados
Em um instante fiquei
Destruido e assolado.

Por uma fresta da sua prisão via elle a ramagem d'uma ameixieira no quintalejo do tribunal. Nos seus ultimos dias de carcere, no fim de abril, ainda a viu florir. Fez-lhe então um soneto que interpõe na carta ao amigo:

Onze vezes de folhas revestida,
Onze vezes de flôres adornada,
Onze vezes de fructos carregada
Te vi, ameixieira, aqui nascida.

Outras tantas tambem te vi despida,
De folhas, flôres, fructos despojada,
Pelo rigor do inverno saqueada,
E a secco tronco toda reduzida.

Tambem a mim me vi já revestido
De folhas, flôres, fructos adornado,
De amigos e parentes assistido.

De todos eis-me aqui tão desprezado;
Mas tu voltas a ter o que has perdido,
E eu não terei já mais o antigo estado (1)

. . . . . .

(1) Era tão desacostumada a tristeza nos versos de Antonio Serrão que, por maravilha, deixam de ser plagios mais ou menos litteraes as suas poesias acentuadas melancolicamente. Este poema, áparte a inferioridade, decerto lhe foi insuflado pelas reminiscencias de Sá de Miranda nos dois tercetos d'um soneto admiravel e impenetravel á intelligencia de Ferdinand Denis, de Bouterwech e Sismondi:

Eu vi já por aqui sombras e flôres,
Vi aguas e vi fontes, vi verduras,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres:
Se tudo o mais renova, isto é sem cura.

Tambem vira por espaço de oito annos verdejar o folhedo de um loureiro que certo dia cahiu a golpes de machado quando a sua copa frondejava mais. Tudo lhe era incentivo para entreter com versos a sua solidão:

Quando altivo e levantado,
Verde loureiro, te viste,
Logo por terra cahiste
Ao golpear d'um machado.
Eis-te por terra prostrado,
Perdida a pompa e o verdor;
Que n'este mundo traidor
Tudo vem a fenecer,
Ou do tempo ao poder,
Ou da fortuna ao rigor.

Prossegue, comparando-se ao loureiro; mas a insidiosa musa da galhofa desconcerta-lhe a elegia:

Que elle não esteve preso,
E eu o estive tempo tanto;
Elle não pediu esmola
E eu hoje ando mendigándo...

Rija constituição era a d'este homem que aos setenta e trez annos fazia estes dessorados versos, e quasi cego ia deixal-os ás portas dos antigos amigos misericordiosos que lhe davam por elles o pão de cada dia! Mas o que mais espanta é que este pai ancião podésse sobreviver á catastrophe do filho, garrotado e queimado na Ribeira, ali defronte dos seus olhos, bem visivel, no crepusculo da noite, entre as linguas da fogueira que o pulverisaram! Que estupida e selvagem reacção a das forças vitaes a tantos elementos destruidores! Custa muito morrer.

*

Desde 21 de setembro de 1681 até 10 de maio do anno seguinte, os inquisidores, que precisavam despejar a casa, aviaram expeditamente cento e seis processos! No auto de fé de 10 de maio sahiram penitenciados sessenta e dois homens e quarenta mulheres. Os relaxados em carne, condemnados á morte e ao fogo, eram quatro: um Gaspar Pereira, outro de appellido desconhecido, o bacharel Miguel Henriques da Fonseca, advogado nos auditorios da côrte, e Pedro Serrão, *mais de meio christão-novo,* diz a sentença, *estudante, solteiro, filho de Antonio Serrão de Crasto, boticario.* (1)

(1) A sentença foi integralmente publicada com algumas notas sobre jurisprudencia inquisitorial da lavra do erudito sr. doutor Ayres de Campos, no *Instituto* de Coimbra, tom. 9, pag. 298 e seg.

Resa a sentença que o réo guardava os sabbados, jejuava no dia grande e no da rainha Esther, comendo sómente á noite de peixe, e abstendo-se de carnes de porco, de coelho e de peixe de pelle. É o que as falsas testemunhas haviam deposto contra Pedro Serrão; mas o preso não confessou estas nem outras culpas. O promotor fiscal do Santo Officio deu contra o réo libello criminal. O réo contestou por negação, contrariando com a defeza de que era christão, talvez porque comia carne de porco, e tudo. O Santo Officio desmentia-o com o depoimento das desconhecidas testemunhas, e elle obstinava-se na negativa. Os tratos não lhe arrancaram a confissão das culpas, *sendo por muitas vezes admoestado com muita caridade*. Estas admoestaçoens caritativas chamavam-se a polé e o pôtro. Assentou a meza do Santo Officio que

o réo inconfesso era *herege* e *apostata, convicto, negativo* e *pertinaz*. Intimou-o de novo a que confessasse e pedisse perdão, visto que o seu crime era de morte. Não confessou. Dez annos de carcere era temporada bastante de trevas para que o decrepito rapaz houvesse esquecido a luz do sol, o azul do céo e as sensaçoens da vida. Aterrava-o talvez menos a morte do que a miseria e o opprobrio com que a inquisição lhe concederia a arrastada existencia no desterro, nas galés, ou nas penitenciarias dos mosteiros. Foi sentenciado em 1 de maio, nove dias antes do supplicio. A sentença da Relação, desprezadas as cynicas instancias do Santo Officio *para que se houvesse benigna e piedosamente,* foi assim lavrada: *Vista a sentença junta dos Inquisidores, Ordinarios e Deputados da Santa Inquisição, e como por ella se mostra o R. preso Pedro Serrão ser*

herege e apostata da nossa Santa Fé Catholica, convencido no crime de judaismo, e por tal relaxado á justiça secular: Vista a disposição de direito e Ordenação em tal caso, o condemnam a que com baraço e pregão pelas ruas publicas e costumadas d'esta cidade seja levado á Ribeira d'ella, aonde afogado (garrotado) *morra morte natural, e ao depois de morto será queimado e feito por fogo em pó, de maneira que nunca do seu corpo e sepultura possa haver memoria, e o condemnam outrosim em perdimento dos seus bens para o Fisco e camara real, posto que ascendentes ou descendentes tenha, os quaes declaram por incapazes, inhabeis e infames na fórma de direito e Ordenação. E pague as custas d'estes autos.*

*

Na fileira dos quatro relaxados em carne ia o jurisconsulto Miguel Henriques, condemnado a ser queimado vivo. Era um theologista argumentador que fizera suar o cercilio aos dominicanos na meza do Santo Officio; mas tinha intermittentes fragilidades. Quando as cordas da tortura lhe extorciam as articulações, confessava que era judeu, e pedia perdão dos seus peccados; mas assim que lhe relaxassem as roscas do calabre e o deixassem curar as maceraçoens e ajustar os ossos desconjuntados ás suas facetas e cavidades, desconfessava as culpas, e escrevia nos autos as rasoens evidentes do seu mosaismo. Não queria advogado nem procurador. Chamado á meza, fazia um

estendal de textos biblicos, dava-se umas refulgencias de Moisés no Horeb, e parecia querer converter á sua crença os frades com uma polemica de tão perigoso controversista que os inquisidores para o amordaçarem mandavam-lhe atar as mãos á polé, levantal-o á altura do moitão e deixal-o baquear de repente, ficando suspenso com todo o peso do seu corpo. N'esta postura, por entre gritos, confessava os pezares das suas culpas e pedia perdão pelas chagas do Redemptor, o qual, como se via, tinha remido a feroz procacidade do genero humano, repondo-o n'aquella perfeição edenica representada pelos ministros do seu culto. Sacrilego vituperio dos remidos ao Redemptor,— uma infame tragedia que affrontaria o factor d'aquelles blasphemos personagens, se o estupido Acaso podésse ser responsavél pelas nossas covardes idolatrias!

Assim que o apeavam do moitão, voltava para o seu antro, e escrevia nos autos um novo desmentido ás confissoens. Assignava-se judaicamente *Misael,* e não queria que lhe chamassem *Miguel*—o nome do baptismo violentado; e declarava arrogantemente, com um scientifico desdem, que, se queriam fazel-o christão, o convencessem—*que lhe propozessem rasoens mais concludentes.* Quando lhe mandavam assignar algum papel em que se lia *Santa Inquisição,* respondia que não assignava sem riscarem o adjectivo *santa;* nem jurava pelos *Santos Evangelhos,* visto que não lhes dava, em harmonia com a sua fé e com as suas luzes, importancia alguma aos taes evangelhos apocryphos, contradictorios e de nenhum valor historico nem religioso. Em ignorancia orçava por Strauss, Renan e Ewerbeck. Como a sciencia moderna é antiga!

O bacharel podia ter uma agonia mais suave, se não discutisse.

Pedro Serrão fôra mais discreto na sua estoica impassibilidade. Morrer por morrer, antes estrangulado pela corretan do carrasco do que pela fumarada dos toros embreados. E, de mais a mais, se a forte brisa soprava do Tejo, ali defronte do Paço da Ribeira, e as lavaredas, em vez de convergirem para o padecente, divergiam as suas serpes, a agonia tinha umas delongas que tornam inclassificavel o gráo de tormento a que pode chegar a carne humana. O lume ia ascendendo dos intestinos abdominaes em ebulição até ao peito; o ar ardente, crispando nas costellas carbonisadas, já não penetrava nos pulmoens cujas cellulas rechinavam como torresmos; o coração e os tecidos gordurosos da caixa thoracica escorriam então como um pús denegrido sobre as

ulceraçoens do ventre escarnadas, escalavradas pelas flechas de fogo. Foi assim que se desfez de vagar e horrendamente o bacharel Miguel Henriques da Fonseca, *levantado em um poste alto e queimado vivo,* dizia a sentença. (1)

*

Entretanto, Antonio Serrão de Crasto ia mendigando e vivendo contra vontade de outros poetas, seus confrades talvez nas Academias. Um d'esses teve noticia de que o boticario, no carcere, estava escrevendo os *Ratos da Inquisição.* É natural que circulassem cá fóra algumas copias das decimas jocosas com que o preso muito de industria grangeava captar o sorriso misericordioso dos inquisidores.

(1) Veja *Instituto,* tom. IX, pag. 311-317.

Como quer que fosse, houve um poeta que viu nos *Ratos* uma rebuçada allegoria aos *Inquisidores,* e como tal a denunciou á justa vingança dos offendidos nas seguintes endechas:

Judeu de máo proceder,
Que, se em teus versos discorro,
Logo pareces cachorro
No ladrar e no morder.
Ainda espero vêr-te arder,
Pois com tanta sem-rasão
Murmuras da Inquisição;
Porém, é força, em teu erro,
Se te tratam como pêrro
Que te vingues como cão.

Dos ratos, d'esta maneira,
Te queixas e de seus tratos;
É máo queixar-'te dos ratos,
Estando na ratoeira.
Tua allusão sorrateira
Mostrar engenho procura,

E a rhetorica se apura
N'esta allusão que formaste
Pois d'esta figura usaste
Antes de fazer figura.

Nescio, depois de judeu,
Quando o sambenito mamas,
Triste portuguez te chamas,
Sendo o mais astuto hebreu!
Quem te vira posto em breu
Ou partido de úma bala!
Ninguem comtigo se eguala,
Pois fazes, quando precíto,
Sendo infame o sambenito,
D'esse sambenito gala.

Se viveste descortez
Com repetida torpeza,
Mais á lei da natureza
Do que na lei de Moysés,
Queixa-te só d'esta vez
De ti, mas não de outro trato;
Que eu sei que nunca do rato
Te queixáras, asneirão,
Se assim como foste cão
Poderas tornar-te gato.

*

A dramatisação do poema cifra-se no ataque dos ratos da Inquisição ás vitualhas que o preso tem n'uma canastra. Estreme fantasia — está claro; porque os presos não tinham alimentos seus, havidos de fóra, nos seus covis. D'ahi vem que o outro poeta, desejoso de ver o collega *posto em breu,* malsinou perfidamente de allegoricas as decimas dos *Ratos.*

Os encarcerados no Santo Officio recebiam uma vez por dia um parco alimento cosinhado no caldeirão da casa. A parcimonia era tal que apenas seria verosimil que os ratos devorassem os presos. Esta dieta salutar permanecia ainda depois das inculcadas reformaçoens

do marquez de Pombal externas, e as internas de seu irmão, o Inquisidor geral. Desde 1802 até 1805 esteve ali preso Hyppolito José da Costa por framaçon, e era servido regalonamente com um *menu* de uma esquisita culinaria estranha á *Arte de cosinha* de Domingos Rodrigues. Diz elle:

«A ração ordinaria consta de meio arratel de carne cozida, que na verdade vem sem osso, como se costuma dizer; mas como o osso que lhe tiram entra no pezo do meio arratel, vem alguns dias a porção a ser limitadissima; mais algumas colheres de arroz, uma tigella de caldo e pão.» (1) Acrescenta o pedreiro-livre que esta ração é paga pelos presos, e deduzida do seu espolio confiscado pela Inqui-

(1) Narrativa da perseguição de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, etc. Londres, 1811.

sição. Ora elle teve a habilidade de comer trez annos a ração do Santo Officio e safar-se sem fazer contas.

Não posso deixar de chamar a attenção dos psycologistas para o caracter d'este Hyppolito, natural da Colonia do Sacramento. Formou-se em Coimbra, exerceu algumas missoens diplomaticas; e, em julho de 1802, quando regressava de Inglaterra, foi preso á ordem do intendente Manique e esteve no segredo do Limoeiro seis mezes.

Era accusado de ter frequentado em Londres as lojas maçonicas. Do Limoeiro foi transferido para o Santo Officio, onde padeceu uns incommodos que logo relatarei com lagrimosa rhetorica; e, ao cabo de trez annos, fugiu; mas não se saberia como—porque elle não o diz—se o não contasse nas suas *Memorias* José Liberato Freire de Carvalho. Os seus amigos

e correligionarios conseguiram corresponder-se com o preso; e, auxiliados pelo duque de Sussex, filho de Jorge III, obtiveram a promessa de que o pedreiro-livre iria para Rilhafolles aprender a doutrina christan. N'este em meio, o Hyppolito, á noite, sabendo que havia só uma guarda, fingiu uma colica no baixo ventre e pediu ao guarda que lhe aquecesse um semi-cupio. O guarda foi preparar a agua e deixou o molho das chaves. O preso descalçou as botas, e pé ante pé, abrindo as portas uma após outra, achou-se em pleno Rocio; calçou as botas, e, passados alguns mezes, estava em Londres redigindo o *Correio Braziliense*. Aqui está como a Inquisição experimentou o calote de trez annos, a razão de meio arratel de carne por dia, com o competente arroz e o pão. De mais a mais, o Hyppolito obtivera que lhe servissem de ma-

nhan um copo de café com leite e á noite peixe frito com ervas, tudo por conta do Santo Officio. Imaginem o rancor dos bigodeados pelo pedreiro-livre!

Toda a gente presumia que o fugitivo, chegado a Londres, resfolegasse a sua vingança contando os trances, a fome, a porcaria de roupa e de cama que lhe infligiram os inquisidores no estirado captiveiro de trez annos. Houve, porém, um grande assombro quando elle, dois annos depois, publicava no prefacio de uma *Historia de Portugal,* traduzida do inglez, o elogio da Inquisição. Diz que os detrahidores do tribunal do Santo Officio procedem imprudentemente sem conhecimento de causa; que n'aquelle recto tribunal se procede regularmente, castigando com brandura os réos que apenas se detem no tribunal o tempo urgente para o processo. Acha que o permittir

aos delinquentes os meios de resipiencia e reconciliação com Deus é uma virtude suprema. Que se devia áquelle tribunal não haver herejes em Portugal como nos outros reinos alvorotados pela Reforma; e, após mais estirada defeza, conclue: «Baste isto para os que crêem de ouvido, e sem exame do que dizem estrangeiros mal instruidos; e saiba o leitor que o escrevia um homem livre de preoccupaçoens e parcialidades.»

Isto assim escripto por um foragido ao fim de trez annos de carcere era a justificação do Santo Officio.

Mas, passados trez annos, em 1811, o mesmo Hyppolito publíca a *Narrativa da sua perseguição* e corrige o prefacio da *Historia* com os seguintes topicos: Que o metteram n'uma masmorra sem luz, com uma enxerga sobre um estrado de páo, uma bilha com agua, e um vaso para as

necessidades da natureza,—vaso que se despejava de oito em oito dias, quando elle ia á missa. O ergastulo era abobada por cima e por baixo; pavimento de tijollo, e as paredes no inverno ressumavam agua, de modo que a roupa estava continuamente molhada. Que no Santo Officio não havia brandura, nem clemencia, nem brevidade nos processos; e que elle se enganára cuidando que a Inquisição, depois do novo Regimento de D. José, era outra. Que tinha vergonha de acreditar n'essas atoardas espalhadas de proposito pelos inquisidores para apanharem victimas incautas. Conta que o obrigaram a trazer dois mezes a mesma camisa; e que ficara nú para a lavar; mas, como não sabia, pegou-se o sabão á camisa, e d'ahi lhe viera uma irrupção cutanea e grande alteração de humores. Refere os interrogatorios ardilosos e im-

pertinentes que lhe fizeram; as chamadas repetidas á meza para o forçarem a denunciar os seus cumplices na maçonaria e revelar onde estavam os cofres da sociedade. Diz que, no ministerio do marquez de Pombal, se legislou que os reos soubessem os nomes das testemunhas para lhes pôr contraditas; mas que os inquisidores illudiam a lei insinuando aos advogados de sua escôlha que não mostrassem os processos aos reos nem lhes dissessem os nomes das testemunhas. Depois descreve as torturas, e dá a perceber que apesar da reformação ainda são applicadas. Difficil é, pois, saber, quando este Hyppolito torceu a consciencia. É, pois, benemerito de epithetos, que a decencia veda, um sugeito que faz a apologia da Inquisição dois annos depois que lhe fugiu ás garras; e, transcorridos outros dois annos, desmente

com o seu testemunho pessoal o primeiro depoimento.

Mas o phenomeno deve ter qualquer explicação.

Facilmente se illucida o que parece absurdo. Hyppolito primeiramente, quando escreveu o prefacio da *Historia,* queria repatriar-se, tinha saudades de Portugal, negociava o perdão dos inquisidores, não se pejava de mentir á confiança dos desgraçados incursos nas penas do Santo Officio, com tanto que lhe permittissem voltar a Lisboa. Depois, como o regente e o Santo Officio lhe repulsassem as abjectas solicitaçoens, abroquelou-se com o escudo do mais depravado cynismo, e fez estrondear em dous volumes o seu justo rancor á Inquisição, republicando dous Regimentos que furtara á livraria da casa, se José Liberato Freire de Carvalho é mais verdadeiro do que elle.

Relevem a extensão do episodio que não anda contado na vida d'este famoso diplomata do Brazil depois da sua separação, e não nos fiemos nas altas virtudes que o Varnagen lhe inculca.

*

Para concluir, direi perfunctoriamente do poema de Serrão de Crasto, e de modo que me não imponha, sem juiso auctorisado, á apreciação do leitor.

O poema de Serrão é monotono. Elle explora tudo o que os ratos lhe podiam fornecer de imagens comicas. Deram-lhe muitas, mas deficientes para colorirem variadamente a grande tela que desenrolou no seu calabouço. O desgraçado agarrava-se áquella idéa burlesca para salvar-se de si mesmo. A sua fantasia es-

curentada pela velhice e pelo terror dos tormentos não lhe dava outra diversão á soledade tenebrosa de dez annos de carcere com a perspectiva do Auto de Fé. Inspiraçoens sérias parece que raramente ou nunca o visitaram na juventude nem tão pouco na idade reflexiva. Se quizesse escrever ou pensar os threnos lagrimosos da sua immensa desventura, talvez não podesse.

Estas decimas dos *Ratos,* a meu vêr, foram a distracção, o desafogo que o salvou de succumbir á tristeza, pela demencia ou pelas sugestões redemptoras do suicidio. É preciso contar os dias e as noites de dez annos de prisão para indulgentemente prescindirmos de cotejar as trovas que se parecem umas com as outras no martellar da mesma idéa. Elle teve talvez a consciencia da uniformidade unisona do seu trabalho ampara-

dor; mas não podia levantar a mão cansada d'essa tarefa com receio de que um longo praso de atrophia intellectual lhe regelasse o cerebro febril, e a morte o fulminasse na contemplação do seu infortunio.

O chorar de uma afflicção
É alivio, é desafogo,

disia elle ao seu amigo Mensas a quem pedia esmola; mas, preferindo o cantar ás lagrimas como superior alivio, diz a rasão por que fasia versos no carcere. Quantas vezes eu ouvi os estudantes em toadas fadistas arpejando nas guitarras e os cegos mendigos nos violoens estas duas decimas pensadas e decoradas nas masmorras do Santo Officio em situação tão cruciante! Diz elle ao seu amigo que as tinha de memoria:

Porém, quem afflicto canta
Melhor seus males diverte;
Porque quem chora converte
Sua pena em outra tanta.
Quem canta os males espanta
E quem chora os multiplica;
Logo, desculpado fica
Todo aquelle que penar,
Se o remedio de cantar
Aos males que tem applica.

Com cantar o caminhante
Seu caminho vai passando;
As penas d'amor cantando
Alivia o triste amante.
No mar canta o navegante,
Canta no campo o pastor;
Canta o captivo e o senhor;
E ao som do seu grilhão
Canta o preso, e da prisão,
Cantando, abranda o rigor. (1)

(1) Parece que Antonio Serrão de Crasto recebia no seu carcere, uma por outra vez, a visita luminosa e consoladora de Camoens, que tambem inculcára a

*

A critica de entranhas lavadas não deixará de ser benigna com uns defeitos que n'aquelle tempo eram os altos quilates do estylo culto — os equivocos, os trocadilhos, o marinismo, os *concetti,* hyperboles rabelaiseanas, o estylo pompa-

salutar efficacia do cantar nos desgostos da vida. Na *Redondilha* que começa:

> Sóbolos rios que vão
> Por Babylonia, me achei...

ha estes versos:

> Canta o caminhante ledo
> No caminho trabalhoso
> Por entre o espêsso arvoredo;
> E de noite o temeroso
> Cantando refreia o medo.
> Canta o preso docemente,
> Os duros grilhoens tocando;
> Canta o cegador contente;
> E o trabalhador, cantando,
> O trabalho menos sente.

dour, consonancias de clausulas, homonymias, jogo de vocabulos, hypothyposes, emfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre Antonio Vieira e de Jacinto Freire. Como quer que seja, ha mais talento e estro na *Fenix renascida* que na *Henriqueida* do conde da Ericeira e no *Triumpho da Religião* de Pina e Mello, os dois laudanisados implantadores da escola franceza que elles, sem genio, nem comprehensão esthetica, inauguraram com uma fôfa turgidez de versos parsados, onde não vislumbra faisca de indole portugueza, nem se quer sorriem as facetas quinquilharias da escola espanhola.

As decimas de Serrão de Crasto não são mais enfadonhas que as muito encarecidas epopeas dos nossos gravidos e

unctuosos epicos. A *Ulyssea* de Pereira de Castro, a *Ulyssipo* de Sousa de Macedo, o *Viriato tragico* de Braz Garcia, o *Fenix da Lusitania* de Manoel Thomaz, o *Affonso Africano* de Vasco Mousinho, o *Virginidos* do Barbuda, a *Malaca conquistada* de Sá de Menezes e o *Templo da Memoria* de Galhegos tem profundos mysterios impenetraveis de semsaboria e fazem um terror sagrado; mas são a gloria convencional, intacta e intangivel da nossa historia litteraria. Tantos poemas epicos como Portugal nenhuma nação se gaba de possuir! A França para seu opprobrio deu a *Henriade* e para sua rehabilitação não deu mais nada. Modêlos de seriedade não nos vinham de lá alguns. Era o ridiculo reinado de Luiz XIII em que, diz Philarète Chasles, havia um só homem que resistisse á galhofa — o cardeal de Richelieu. Os Serrões de lá

chamavam-se Saint-Amant, de Gerard, Balzac. Dizia Corval-Sonnet que toda aquella epoca parecia feita *pour être chantée sur l'air de Lanturelu.* Da mesma epoca portugueza poderia dizer-se que a poesia era de molde para ser cantada com musica da *Maria Caxuxa.* O que não havia cá era um protestante contra a depravação dos seus irmãos bastardos em Apollo—um Boileau. O nosso vocabulario piccaresco era o dos francezes e hespanhoes. Na Academia de Paris nomeou-se um socio especialista para diccionarisar as palavras burlescas. Reinava a chalaça de raça latina, as arliquinadas de Doni e de Aretino, peoradas no cultismo de Quevedo. Da classica e sediça poesia castelhana que o Gongora sacudiu até a descozer pelas velhas costuras, construiu elle coisas de infinita graça. Disse D. José Amador de los Rios que a culpa

não era do poeta, mas da sua sociedade. Se os imitadores abandalharam as Musas desfigurando-as dos seus grandes ares de vadiagem esplendida para as fazerem arlequim da canalha é porque a podridão social porejava no riso alvar das turbas. Manoel de Faria e Souza, satyrisando os cultistas, chamou a D. Luiz de Gongora o *Mafoma da Poesia*. E vae o doutor Medrano, apologista do auctor de *Las firmesas de Isabela,* atira-se ao velho lyrico da *Fuente de Aganippe,* e chama-lhe máo philosopho, peor theologo, pessimo escriptor, e, ainda por cima, pato de chiqueiro. Justo castigo.

É absurdo querer estatuir dogmas litterarios e perpetuar artes de pensar e escrever, quando, em cada seculo, se operam quatro revoluçoens no pensamento. «A sciencia do bello, diz Zola, é uma pataratice inventada pelos philosophos

para que os artistas se riam a bandeiras despregadas. Verdade absoluta em materia tal nunca se ha de apurar uma só; porque o complexo de todas as verdades perteritas não póde constituir uma verdade relativa que revogue como falsa a verdade de ámanhan.»

A Inglaterra, narcotisada por Milton e Pope, acordou, mais tarde, apavorada pelas trovoadas escandalosas da epopêa infinita, chamada D. João.

A Allemanha que nunca teve *classicos,* mestres da vernaculidade — porque a sua lingua só teve fixidez duravel no principio do seculo XVIII, tambem não teve epopêas — uma felicidade rara! (1) Klopstok cantou o Messias, e, áparte o sublimado

(1) Strauss considera em outra e talvez mais rasoavel accepção os *classicos* da sua Allemanha, visando á esthesia, ao espirito genial, e curando pouco das fórmas escripturaes. Diz elle a pag. 128 dos seus *Estudos religiosos,* vers. franc.: «É notorio que muitos escri-

assumpto, o poeta fez uma semsaboria immortal. Parece que tambem não tiveram heroes para epopêas. Quando ensaiaram o genero, cantaram o Filho de Deus.

*

Quanto a poemas epicos, em Portugal, o proprio sr. D. João VI teve um, a *Joanneida,* afim de que este inclyto monarcha não passasse pelo desprimor de ser me-

ptores classicos do nosso paiz compozeram as suas obras latinamente. A definição de *escriptor classico* é questionavel. Eu de mim entendo que é o auctor, em cujos livros se exprime a alma de um povo — o que ahi ha mais profundamente original —; e o faz de fórma attractiva e perceptivel em todas as epocas, embora não fique modêlo para se reproduzir perpetuamente. Escriptores d'esta especie não faltaram á Allemanha no seculo em que ella prefez o seu grande feito nacional, a Reformação, e esses escriptores, embora não escrevessem uma só linha em allemão, deveriam ser proclamados os nossos primeiros classicos.»

nos cantado que o fundador da monarchia, na *Alfonsiada,* do Pina Leitão. O sr. D. Pedro IV cahiu outrosim nas prezas epicas de um Martins Rua, menestrel minhôto que perpetrou a *Pedreida.* A Calliope indigena soffreu então sangria tão copiosa que ficou para todo sempre anemica; e d'hora avante Portugal apenas terá um expediente bom, posto que pouco menos de analphabeto, para celebrar os seus grandes homens fallecidos: —muitas missas por sua alma, o projecto de uma estatua com esmolas brazileiras, e uma eschola primaria com o appellido padroeiro do illustre morto, a treze vintens e meio por dia para o pedagogo. N'essa eschola ou se ensinam os gaiatos d'uma freguezia da corte a soletrar o *Trinta diabos,* ou se habilitam os aldeãos de qualquer logarejo com as quatro operaçoens a investirem com as

notas e com as febres da rua da Quitanda, abandonando a agricultura dos seus cazalejos. E os instruidos das aldeias que não fazem republica nem vão para os Brasis, chegam a comprar o *Reportorio do Preto* — 10 reis annuaes de litteratura — e completam a sua instrucção.

D'antes para honrar um varão famigerado fasia-se um poema epico, uma immortalidade em lettra redonda, máo papel, 8.º portuguez. Hoje ensina-se a ler a cartilha dos direitos da ralé soberana, inutilisam-se alguns trabalhadores; e cantam-se missas por alma do homem que honrou a sua patria, como se elle tivesse sido um tratante, cheio de nefandos peccados a quem a misericordia divina só muito instada pode favorecer e despachar para o céo. Ah! hypocritas! O Seraiva de Carvalho, o bispo de Vizeu, o Antonio Rodrigues Sampaio, aquelles exemplares

de hombridade, honrados e prestantissimos cidadãos!...—todas as freguezias do reino a suffragarem-os, a pedirem ao Senhor que os salvasse, que lhes désse o descanço eterno, como se faria por uns scelerados bandidos, cujas almas penassem errabundas n'uma inquietação vertiginosa de precítas!

Por estes bons e humanissimos operarios da prosperidade civica—centenares de missas, e pelo marquez de Pombal, que dessedentou as suas sêdes canibaes com lagrimas e sangue, quando foi da festa carnavalesca do anniversario da sua morte, nem uma missa! Nem uma por alma tão necessitada! Presupposeram talvez que elle, irreparavelmente condemnado, estivesse no báratro; ou então, por lh'o dizer Garrett, imaginaram-o nas Ilhas Beatas, são e salvo, de lunêta no olho, conversando com o Colbert. Apenas teve

uma missa, agora me lembra, que lh'a mandou rezar um neto e herdeiro; mas esse suffragio, por ser de pessoa suspeita — um arranjo de familia — talvez não fosse lançado em desconto no folio-maximo do *Deve* e *hade haver* do Padre Eterno.

A civilisação lá fóra vae arroteando prejuizos e semeando vicios elegantes. Aqui não se faz isso. Semeiam-se vicios nos pragaes dos preconceitos, e cultivam-se ambas as coisas, as violetas e os carrascos. Semeia-se tudo, e não se arroteia nada. A bonina florece encostada ás puas do abrôlho. A hypocrisia medra ao lado do vicio. Missas pelo repouso eterno dos defuntos, e toda a gente sabe que elles estão descançados quanto é possivel. Mas, emfim, n'esta convenção theatral em que todos somos personagens mais ou menos irrisorios, quem pretendem

illudir os Andadores das almas? É a arraia-miuda? Essa é quem representa a plateia a rir do tartufismo das casacas estrelladas de comendas e gran-cruzes.

*

E já não lembra a ninguem honrar a saudade dos grandes homens — a saudade, unica sobrevivencia de um corpo amado que apodrece — com actos de beneficencia aos miseraveis que assistem deslumbrados ao perpassar dos faustuosos sahimentos! Em vez de missas estereis, esmolas que fertilisam. «Quero misericordia, e não sacrificios», disse Jesus Christo, ou S. Matheus por elle. «Pámacho unge os ossos venerados de sua mulher Paulina com os balsamos da esmola», disse S. Paulo.

Ridiculo paiz onde a politica faz praça e alardo das suas hostes pelo numero de missas que arróla em obsequio ás almas dos seus estadistas!

*

O Serrão é que não teve, sequer, uma missa resada por sua alma!

Quando sahiu da Inquisição, já tinha perdido um olho. Disia elle, seis mezes antes da sua completa cegueira, ao bemfeitor obscuro:

Aleijado estou de dores,
De estelicidio afogado,
Abrasado sempre em febre,
Da vista dos olhos falto.

Porque uma catarata
No olho direito trago
Que já totalmente d'elle
A vista me ha tirado.

Até fim de 1684 ainda foi visto a mendigar em Lisboa. No principio de 1685 cegou de todo e foi recolhido ao *Hospital Real,* onde acabou não se sabe quando, em um catre da infermaria dos pobres.

A visão refulgente que de certo o visitou até ao fim, nas suas trevas absolutas, devia ser o filho hirto, livido, estrangulado, amarrado ao poste, entre as linguas de fogo, — as luminarias do eterno Moloch.

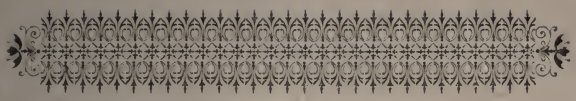
Em remate d'esta preambulação, zebrada de heresias litterarias e theurgicas, quanto a sufragios do phosphoro cerebral evolado no azul, peço aos criticos tirannos um armisticio de algumas semanas. Não ha clava de Hercules que se aguente

com tantas hydras de Cacilhas. Ellas são como as dynastias: burro morto, burro pôsto.

S. Miguel de Seide, 18 de Março
de 1883.

ERRATA

Pag. 100 Linh. 5.ª *Perteritas*, emende *Preteritas*.



OS RATOS DA INQUISIÇÃO

I

ESTA casa, em seus contractos,
me paga em má qualidade;
não *rata* por quantidade,
mas por quantidade ratos;
estes me dão tão ruins tratos,
que me comem queijo e pão,
doces, fructa da ração;
e respondem, muito inteiros,
—pois que são meus companheiros,
hão de em tudo ter quinhão.

Que tendes rasão, lhes digo;
porém dizei-me em que toca
estar sempre a minha boca
posta comvosco em perigo?
O vosso dente inimigo
da canastra vai ao centro,
e não me deixa coentro!
E elles respondem: — embora
que, se a vós serve de fóra,
a nós nos serve de dentro.

Já que por fóra me serve,
porque m'a pondes de lodo?
não m'a destruais de todo,
o menos se me reserve.
Deixai-m'a! assim se conserve
vossa vida de maneira,
que não vos faça gateira
gato murador e forte,
nem resalgar vos dê morte,
nem caiais em ratoeira.

E, se vos serve uma vez,
dizei, porque tantas vezes
fazeis roupa de francezes
a de um triste portuguez?
que mal a pobre vos fez,
pois em nada vos offende?
e, se ella não se defende,
maltratal-a é tyrannia,
e vai pouca valentia
no dar morte a quem se rende.

Quando d'ella façais ninho,
tomai só os guardanapos,
que já tendes feito trapos
com vosso dente damninho.
Doei-vos d'este mesquinho,
e d'essa roupa coitada,
que ella já por acabada,
e eu já por acabado,
eis-me aqui ruço-rodado,
e ella faca remendada.

Mas inda que roupa tal
já tantos remendos tem,
que mais n'ella importar vem
as custas que o principal,
ainda é tão pontual,
e tem tantos e taes pontos
que será conto de contos
seus remendos numerar,
e impossivel de contar
seus pontos e sobre pontos.

Quanto eu remendo de dia
vós de noute descoseis,
e á porfia desfazeis
quanto eu faço á porfia;
e, se d'esta demasia
tenho queixa ou mostro enfado,
me dizeis por desenfado
por querer de mim zombar,
que o homem honrado ha de andar
roto, mas não remendado.

Não approvo tal razão;
porque, remendado o pano,
chega e passa além do anno,
roto, e descosido não:
mas vós em toda a occasião
os remendos descasais;
pois um do outro apartais;
e eu, este divorcio vendo,
entre remendo e remendo
lhe deito remendos mais.

Assim tratos nem contratos
quero já com vosco ter,
nem tão pouco quero ver
tão ruim dança de ratos:
porque vós sois como patos,
que, na casa onde entrais,
comeis, grunhis e sujais;
e inda sois muito peores,
pois sois uns destruidores
de toda a roupa que achais.

E tais tratos, certo é,
que são n'um combate e n'outro,
para essa roupa,—de potro,
para a ração, de polé:
e muito claro se vê,
em essa roupa coitada,
n'essa ração limitada,
que do vosso tratear
a ração vai pelo ar,
fica a roupa estropeada.

Porque, n'esta escarapela,
vós a tendes feito tal
que de cominhos um real
já não póde atar-se n'ella:
ainda assim doei-vos d'ella,
pois não se queixa nem falla;
não lhe façais tal escalla;
porque nada vos abona
fazèrdel-a *vobis bona,*
quando a fazeis *mihi mala.*

Mala a fazeis para mim,
e com vossa ruim treta
d'ella vós fazeis maleta,
mochila, alforge e coxim;
porque entrando n'ella emfim,
muito leves e ligeiros,
soldados aventureiros,
com vossas pilhantes tropas
vos fazeis meus guarda-roupas
e tambem meus despenseiros.

Com ser a gente de Rates
tão simples e boa gente,
vós, ratos, á unha e dente,
na roupa me dais combates:
olhai que são disparates,
quando somos tão vizinhos
o serdes vós tão damninhos
com esses trapos coitados,
quando tão aproveitados
da Beira são os Ratinhos.

Vêde que esses trapos são
as meninas de meus olhos,
e vós sois os seus abrolhos,
e a sua assolação!
Tomara n'esta occasião,
por evitar vossos tratos,
deitar na canastra uns gatos,
porque, com gatos, segura
ficara da investidura
de unhas e dentes de ratos.

Mas para dente tão duro,
e para unha tão má
resistencia nenhuma ha,
e nem contra *mures* muro:
que vosso dente prejuro
toda minha roupa arrastra,
tudo a vossa unha alastra;
assim que já, d'esta feita,
de certo me tendes feita
a canastra uma canastra.

Mas, se entra n'um elefante
um ratinho pela tromba
e o derruba, prostra e arromba,
dos brutos sendo gigante;
que muito pois que, arrogante,
entre de ratos ninhada
n'uma canastra, coitada!
de um velho doente, e fraco,
e lhe dê tão grande saco,
e a deixe tão despojada!

Que vós quando n'ella entrais
sois a sua assolação,
sua lagarta e pulgão,
gafanhotos e pardais.
Vós da coitada cobrais
nata inteira, e meia nata;
então dizeis, que *pro rata*
commigo tudo partís,
e no que dizeis mentís,
como um rato e uma rata.

Que eu ficara mui contente,
e me estivera mui bem,
se a metade do que tem
partiramos igualmente:
mas vós com dente insolente
quando lhe fazeis entrada
só me deixais quasi nada;
e por isso agora digo
que vindes partir commigo
como Lisboa e Almada.

Vós n'ella fazeis a cresta,
da fructa a safara colheis,
vindima e ceifa fazeis,
e a esquilmia com grande festa:
o que deixais nada presta
porque é só uma lambugem,
tudo cheio de pennugem,
tudo uma pouca de borra,
e tudo cheio de alforra,
de escoria, e mais de ferrugem.

Dizem que o gato e o ladrão
leva o mal arrecadado;
mas vós do melhor guardado
na canastra lançais mão.
Porque vossos dentes são
umas mui agudas puas,
e vossas unhas gazuas,
e vós uns salteadores;
e assim vos fazeis senhores
de minhas cousas e suas.

Vós n'ella fazeis descarga,
e a carga meteis n'ella,
e, sem ser Setubal ella,
meteis carga, e tirais carga.
Para vós é muito larga,
para mim muito mesquinha;
mas, como fazenda minha,
e o meu cabedal todo,
eu a empo, cavo e podo,
e vós vindimais a vinha.

Quando eu por praça fechada
a tinha, e por muito certa,
a fizestes praça aberta,
e a deixastes saqueada.
De sorte a tendes tornada
nos combates que lhe destes
quando o sitio lhe puzestes
com uma e outra invazão,
que se praça morta não
«praça da palha» a fizestes.

Porque tantas mataduras
lhe fizestes e tamanhas,
que se lhe vêem as entranhas
já por suas aberturas;
porque n'estas aventuras
com vossa traça e tramoia,
sendo a canastra uma joia,
a tendes feito sem medra
escolho armado de pedra,
e *campus ubi fuit Troya.*

E com estrondo e com bulha
lhe fizestes tal lavoura,
que é a vossa mangedoura,
o vosso celeiro e tulha;
mas parece chasco e pulha
que seja vossa mantença
sem fazer commigo avença,
e sem fazer n'ella gasto,
ser vossa casa de pasto,
vossa cosinha e despensa.

Vós uma boa melgueira
tendes na triste e coitada,
eu n'ella desbaratada
tenho uma grande lazeira:
tambem da mesma maneira
vós lhe destes um tal pincho
que n'ella um ninho de guincho
achastes com vossos tratos;
mas eu um ninho de ratos,
porque d'ella nada trincho.

Que vós sois o seu trinchante,
e tambem o seu trinchete,
sua faca e canivete,
sua navalha rapante;
porque dentro n'um instante
tudo o que tem lhe arrunhais,
e vós arrunhando andais;
mas que muito assim andeis,
se á tripa forra comeis
e por tudo a escote entrais?

Mas entrar e não pagar,
eu não o posso soffrer;
e comer e mais roer
é comer e murmurar:
e isto só se vem achar
em villões ruins, ingratos,
e a todos que tem tais tratos
peccado é fazer-lhe bem,
antes merecem lhe deem
pelos focinhos c'os pratos.

Se essa pobreza que tem,
tanto, ratinhos, vos quadra,
para que a feira da Ladra
vós d'ella fazeis tambem?
Olhai, ratos, não é bem
fazer d'ella espalhafato,
nem tanto gato-sapato,
que sapato mata aranha;
e, se gato ao rato apanha,
n'um sapato mette o rato.

Mas, se cada um da feira
diz conforme lhe vai n'ella,
vós podeis dizer bem d'ella,
eu de nenhuma maneira:
que vós n'ella de carreira
tudo o que quereis achais;
vós d'ella nada pagais,
mas eu ciza e cabeção,
real d'agua, imposição,
e outros direitos mais.

Sois tão bem afortunados
que até vindo buscar lã,
vós a levais limpa e sã,
sem nunca ir tosquiados.
Os meus colchões desbastados
tendes de sua lã basta,
e os tendes feito de casta,
que quando me vou deitar
só as bastas venho achar,
não lã, entre basta e basta.

A penna do travesseiro
com tanta preça levais,
que mais com ella voais
do que um passaro ligeiro.
Sendo o travesseiro inteiro
em meio o tendes tornado
com que eu e elle, coitado,
ficamos em tempo breve,
elle sem penna mui leve,
eu sem pena carregado.

Como por dentro e por fora
meu pão roeis com fadiga
outros ratos na barriga
me roem a toda a hora:
d'estes não me queixo agora
porque em roer razão tem;
de vós só queixar-me é bem
que vós a causa lhe dais,
e pois a causa causais,
causais o effeito tambem.

Vós sois n'uma e n'outra acção
em um tempo limitado
da roupa saca-bocado,
mete bocado do pão:
como me deixais em vão
n'este jogo da almoninha
tornai lá que não é minha;
e, por dar-me mais martello,
eu sempre levo o farello,
vós levais sempre a farinha.

Que farinha, pão e trigo
quasi o mesmo vem a ser,
pois quem a chega a comer
que come farinha digo;
como é todo o rato amigo
de farinha e de rolão,
posso com muita razão
dizer de certo esta vez
que ora *mus farinam est,*
quando me comeis meu pão.

De levar de mais um *t*
não é falta á consoante
porque erro assim semelhante
ser só sobejo se vê:
mas *t* consoante é,
que não é letra vogal;
mas inda assim letra tal
o rato lh'a roerá,
e sem ella ficará
um verso com outro igual.

II

Quando em rapaz me nascia
em minha boca um dentinho,
que me nascia um ratinho
então minha mãe dizia;
mas agora que á porfia
caindo todos me vão,
vós, ratinhos, sem razão
vindes com pressa não pouca
não a nascer-me na boca
mas tirar-me d'ella o pão,

Porque quando o tenho inteiro
vós o partis e comeis;
então dos tolos dizeis
que o pão se come primeiro;
o adagio é verdadeiro;
porque é muito nescio quem
seu pão em canastra tem,
quando n'um fechado almario
d'um rato ladrão corsario
ninguem seguro está bem.

Mas onde o hei de meter,
se o tempo com sua treta
da canastra me fez preta
que é o mais que póde ser?
Assim meu pão venho a ter
n'uma canastra metido;
mas n'ella rato sabido,
porque seu tributo cobre
ni le perdonó por pobre,
ni dexó por escondido.

Meu pão com o olho vejo,
porém como-o com a testa;
vós com alegria e festa
o comeis com pouco pejo.
Assim vingar-me desejo
de tão grande sem razão
que é tal vossa ingratidão,
e tal vosso desprimor,
que não me tendes amor
com me comerdes o pão.

Olhai que essa festa toda
bem se vos póde acabar;
que nem sempre ha de durar
para vós o pão da bôda:
que a fortuna sua roda
tambem com os ratos anda;
e, se ella vol-a desanda,
e á mão me vieres ter,
tal dom vos hei de fazer
que baileis a sarabanda.

Pois quando em tal embaraço
a comer o meu pão venho
d'elle um bocado só tenho,
vós um pão com um pedaço;
para mi é muito escasso,
pão duro de munição;
para vós molete-pão,
e tambem é pão de ló;
para mi de raiva só,
porém de raiva de cão.

D'esta agua não beberei
é um dito mui commum;
mas de vós não diz nenhum
d'este pão não comerei;
porque muito certo sei
que quem pão alheio achou
que d'elle muito gostou,
seja de trigo ou centeio,
porque comer pão alheio
a ninguem enfastiou.

Para mim é o meu pão
um biscoito de gallé;
mas porém para vós é
pão de leite e requeijão.
E como sempre na mão
com bom jogo vos achais,
o bolo logo ganhais,
porque é pão o melhor bolo;
eu respondo como tolo,
vós de codilho o levais.

Já vi engodar meninos
e paparem-lhe o seu pão;
mas um velho ancião
engodar, são desatinos:
mas vós sois ladrões tão finos
que sem me vir engodar
o meu pão vindes gramar;
porque, se vós me engodasseis,
e então meu pão papasseis,
não tinha que me queixar.

Se *omnis saturatio mala,*
e a de pão muito mais,
porque d'elle vos fartais
e de o comer fazeis gala?
vós lhe fazeis tal escala
e lhe tendes tal cenzeira
que por diversa maneira
vós ficais d'elle estourando,
mas eu de fome estalando,
e posto a pão de padeira.

Pão da Ilha é cada dia
meu pão no jantar e ceia;
para vós é arca cheia,
para mim tripa vazia:
vós o comeis á porfia,
e sem nenhuma razão
levais o melhor quinhão,
gram fatia e bons bocados,
sem serdes meus afilhados,
nem de meu compadre o pão.

Olhai que quem quer comer
trabalha, lida, e trabuca;
que quem trabuca manduca
mil vezes ouvi dizer;
mas ociosos viver
e vir comer pão alheio
é um caso muito feio;
coma quem sua e trabalha,
beba quem na eira malha,
ao sol e calma, o centeio.

Mas, se a vós sem trabalhar
comer meu pão vos alegra,
olhai que algum dia a negra
me podeis vir a pagar:
porque nem sempre ha de estar
o diabo atraz da porta;
porque, se a fortuna torta
bigorna agora me fez
posso ser malho outra vez,
e assim vingar-me importa.

Nenhum erro commetti
em chamar torta á fortuna,
que a esta varia importuna
chamar cega sempre ouvi;
mas eu mais a engrandeci,
pois, se torta lhe chamei,
de mais um olho lhe dei;
e quem com um olho se achar
mui bem se póde chamar,
na terra dos cegos, rei.

Vós comeis tres iguarias
quando me comeis o pão;
que tres iguarias são
pão, bocados e fatias;
e quando o pão é de dias
logo com vossos dentinhos
fazeis d'elle biscoitinhos;
tambem o fazeis brôa,
porque sempre foi mui bôa
borra para os ratinhos.

Para vós não ha pão máo,
porque até dentro na boca
vós o fazeis mandioca,
rica farinha de páo:
e ficamos n'esse gráo,
eu com pena e com tormento,
vós com gosto e com contento;
e para nós, sem parolas,
para vós pão de violas,
para mim pão bolorento.

Con pan los duelos son buenos
para vós, e são regalos;
sin pan los duelos son malos
para mim, e são venenos:
tambem que *del mal lo menos*
dizem adagios geraes;
vós do bem levais o mais,
eu levo o menos do bem;
e do mal sempre me vem
com fome ao rosto os signaes.

Como me comeis o pão,
e a roupa me rompeis,
da roupa e do pão fazeis
para vós um bom roupão:
eu venho a ficar então
sem a roupa e muito frio;
sem pão das tripas vazio;
vós com roupa, e pão nas garras
ficais a duas amarras,
mas eu fico por um fio.

Uma galheta bem cheia
de azeite me derramastes;
como no chão m'o entornastes
ficou sem ella a candeia:
para mim foi má estreia;
porém vós com vossa treta
o comestes como preta;
disse eu n'essa occasião:
lambeatus est meu pão,
mamaverunt te, galheta.

O meu queijo de Alemtejo
para vós queijo é *dáquem,*
para mi queijo é *dálem,*
porque só dálem o vejo:
vós lhe fazeis tal despejo
tanto á pressa, e de repente,
que quando vou mui contente
comel-o por ser frescal,
eu o acho tão duro e tal
que nunca lhe meto o dente.

Em vindo da outra banda,
eu d'elle pago o despacho;
vós o comeis sem empacho,
e o fazeis vossa vianda:
e ao meu queijo de Olanda
vós lhe dais tal galardão
que sois sua assolação;
e para ser seu açoute
conheceis á meia noute
flamengos, se queijos são.

E tambem os conheceis
que achando o queijo bom
mui de alto e de bom som
bona fromage, dizeis:
manteiga d'elle fazeis,
vindo quente o pão do forno;
para vós é feito ao torno,
muito brando e manteigado;
para mi encortiçado
queijo de Hamburgo, de corno.

Aos queijos do termo nosso
que chamamos de Saloias,
vós os comeis com tramoias,
mas eu chegar-lhe não posso:
o melhor sempre é o vosso,
o meu sempre é o peor,
e até os de Montemór
que tem graça por salgados,
vós os deixais desbastados,
e os fazeis *montemenor*.

Det tibi manus avara,
diz do queijo a medicina,
mas vós d'elle em tal ruina
comeis quantidade rara:
e sendo cousa tão clara
que o queijo tira a memoria,
vós o tendes por historia,
assim d'elle vos fartais,
e para mi o deixais
feito esterco e feito escoria.

É cada qual tão lembrado
d'esta canastra mofina,
que o queijo Anacardina
para vós se tem tornado:
e sendo tão reprovado
o fazer do queijo barca,
quanto vossa unha abarca
vós barca d'elle fazeis;
e como em vós o meteis
elle é barca, e vós sois arca.

Na arca aberta o justo pecca,
não em canastra fechada;
mas vós da minha coitada
fechada a fazeis caneca:
vindes lá de seca e meca
com tal pressa e furor tal,
que fazeis, para meu mal,
com máo termo e ruim modo,
do meu queijo lama e lodo,
e do meu pão cinza e sal.

Os meus doces me comeis;
e, sendo tão estremados,
vós m'os fazeis mui salgados,
e amargo m'os fazeis:
as suas caixas roeis,
porque uma de marmelada
que eu tinha mui bem guardada,
vós, entrando dentro nella,
lhe fizestes tão gram mella
que ficou sem marmelada.

Se de herva doce confeitos
para o estomago tenho,
quando os quero, achal-os venho
de herva amarga e já desfeitos.
Os meus fartes tão perfeitos
que pelo Natal me dão
logo d'elles lançais mão,
e sem terdes de mi dó
são para vós fartes só,
para mi famintos são.

E se acaso são de mel,
que são mui bons em tal tempo,
são para vós passatempo
para mi vinagre e fel;
que certo é cousa cruel,
sendo eu emancipado,
já tão velho e tão barbado,
meus fartes não governar,
e um menino orphão ficar,
e mais não ficar melado.

Comerdes-me muito sinto
esses fartes do Natal,
mas o certo é que mal
se doe o farto do faminto:
metido em um labyrintho
dos fartes não como nada,
vós lhe dais tal manoplada,
que são com diversa estreia
para vós, mui larga ceia,
e para mi, consoada.

Como estou em sitio posto
não posso ver sitiado,
dos doces um bom bocado,
nem dos fartes um bom gosto;
mas olhai, que em tal disgosto,
se o sitio permanecer,
que posso, ratos comer,
que nunca fome tyranna
mejor que xaboliana
comer ratos ha de ser.

Vós comeis o doce e pão;
e, como é todo o pão massa,
fazeis pela vossa traça
do doce e pão massapão:
a todos de uma feição
vós mostrais mui boa cara;
mas certo que cousa rara
comerdel-os vós parece:
porque *dulce no merece*
quien no gustavit amara.

Não foi minha a badalada,
nem foi minha a parvoice;
Na lã, e sabão que disse
na decima antepassada:
que na comedia chamada
la mas constante muger
Montalvão o foi dizer
sendo que é um disparate
e que só um louco orate
podera tal escrever.

Vós das fructas as mais sans
escolheis muito deveras:
as peras, como entre peras,
maçans, como entre maçans;
deixais podres pelas sans
que não são para comer;
eu, como estas venho a ter,
escolher é escusado;
porque entre ruim *ganado*
ha muy poco que escoger.

Até a fructa mais guardada
com vosco perigo corre,
pois para mi em flor morre,
para vós é sazonada:
da maçan mais estremada
vós sois ouriço cacheiro;
e, n'um salto mui ligeiro,
são para vós, ladrões cacos,
as peras farta-velhacos,
sendo perinhas de cheiro.

Tão ligeiro salto dais
que não são passadas vans,
porque de Juan de maçans
logo ao Pereiro saltais;
são as peras que levais
cornicabra e carvalhal;
e levando pera tal
eu venho a levar mesquinho
da carvalhal o espinho,
da cornicabra o signal.

Sem jogar com vós as peras
vós ganhais as mais maduras,
eu as mais verdes e duras,
mais pedradas e mais feras;
vós comeis muito deveras
todas que vos vão á mão,
mas é minha admiração
que seja para meu damno;
para vós de peras anno,
e tambem anno de pão.

Quando as peras me levais,
então para peras levo,
pois vos pago o que não devo,
e vós rindo vos ficais:
se pera flamenga achais
a comeis em portuguez,
e me fazeis d'essa vez,
com estrondo e com arenga,
os narizes á flamenga
muito mal em que me pez.

A pera parda na cama
de vós não está segura,
e em vós fazeis dependura
da bergamota de fama:
a que pigarça se chama
que é pera de estimação,
tanto que vos chega á mão
logo d'ella fazeis farça,
e sendo a pera pigarça
vós a fazeis pera pão.

Eu com as campanas dobro,
vós com ellas repicais:
vós bons codôrnos cobrais,
eu codôrnos sem dó cobro:
eu trabalho, lido e obro;
mas são minhas obras pretas,
que vós com as vossas tretas
me fazeis um louco orate,
minhas peras, de remate,
minhas maçans, maçanetas.

De vós, ladrões de assobio,
na canastra não se esconde
nem minha pera de Conde
nem pera de Riofrio:
vós d'ella fazeis rocio
pateo da fructa, e ribeira;
mas eu sempre de maneira
n'ella acho a horta secca;
a pera formosa, peca,
muda a maçan, chocalheira.

Tambem n'ella achais Colares
com seu Rio das maçans;
mas eu não posso achar sans
nem maçans, nem Massanares:
vós d'ella levais aos pares
as ricas maçans de Abrantes,
as de Oeiras tão galantes
as da Lourinhãa chainhas,
as de Montemór rainhas,
e as de Alcobaça brilhantes.

Que vós ás maçans correis
com tal pressa, e furia tanta,
que cada qual Atalanta
no correr me pareceis:
todas as que vós comeis
em camoezas tornais,
e para mi me deixais
peros pardos de Galiza,
fructa de muito má guiza,
verdes, e não verdeais.

Para vós minhas maçans
são das Hisperidas hortas;
para mi sem cheiro, mortas,
vasias, e muito vans:
para vós todas são sans
muito bellas e formosas;
para mi são enganosas
por fóra muito córadas,
por dentro pôdres, sorvadas,
como hoje muitas formosas.

Quando com vosso conselho
a melhor maçan levais,
então brincar me mandais
com a maçan do escaravelho:
para taes brincos sou velho
e brincar não me convém;
antes chorar será bem,
pois vós da melhor maçan
sois a Deusa Venus van,
eu Juno, e Palas tambem.

Que Juno ficou sem ella
Palas sem ella ficou,
Que Venus só a levou
com que ás mais fez remoel-a:
para vós toda é mui bella
da Anafrica assucarada,
para mi, pera tocada,
é de amargosa uma peste,
no travento de acipreste,
e na dureza de espada.

Se achais maçan de craveiro,
que chamamos de capella,
deixais a roupa sem ella,
sendo que lhe dava cheiro:
então dizeis que primeiro
melhor cheiro lhe puzestes
pois n'ella cama fizestes
e que não de raposinhos,
senão cheiro de ratinhos
de vós mesmo então lhe déstes.

Vós com vossa pressa louca,
e com arrogancia bruta,
da pera me comeis muita,
da maçan não comeis pouca:
boa não me chega á boca;
porque vós não m'a deixais;
e como vós a levais,
e eu a vejo e não a como;
de Tantalo o nome tomo
vós de *tam tolo* m'o dais.

Até minhas fructas novas
vós as fazeis fructas velhas;
e fazeis suas parelhas
as ameixas com taes provas;
e por ver-me fazer trovas
e causar-me maior damno,
usando de vosso engano,
tomais com malicia muita
para vós do ramo fruita
para mi m'a dais de abano.

Não vos escapam por pés
minhas cerêjas bicais,
nem as ginjas garrafais,
se as tenho alguma vez:
porque mal, em que me pez,
como cerejas se vão
pelos pés á vossa mão
e da vossa mão á minha,
a cereja é marovinha
as ginjas gallêgas são.

Quando pêcego, ou damasco
em minha canastra achais,
calvo o pêcego deixais,
do damasco fazeis asco:
e, por ser maior o chasco
e dar-me maior sabão,
o melhor maracotão
dizeis partis por nivél;
mas vós levais d'elle o mel,
eu levo d'elle o cotão.

As laranjas estremadas
da China ricas e bellas
vós me atirais com ellas
muito boas laranjadas:
de levarem tais pancadas
ficam as coitadas tais
que sendo doces bicais,
e as laranjas da China
da colera medicina
a mi m'a acrescentão mais.

Por vós o melão calado
pivide na lingua tem,
para mi mangrado vem,
para vós sempre estremado:
para vós, como letrado
sempre de mysterio falla;
mas para mi n'esta escalla
nenhuma cousa arrazoa,
sendo uma fructa tão boa,
inda que ás vezes tem cála.

Que ha muitas fructas que são
de segredo mui caladas
quando tantas badaladas
os letrados melões dão:
para vós todo o melão
é mui bello e perigrino,
uma algalia, almiscar fino,
muito doce, e moscatel,
mas para mi é um fel
uma abobora, um pepino.

Porem olhai que tal fruita
não é boa para ratos,
porque ha melões muchagatos
que a ratos dão pena muita:
mas vós como gente bruta
até as cascas lhe roeis,
de mi caso não fazeis,
e do que digo vos rides,
pois lhe comeis as pivides
e as cascas lhe comeis.

A fructa fresca gostais
e para desenfastiar
ides a sêca buscar,
e inda d'esta gostais mais:
a de Alcobaça levais,
a do Algarve estremada,
a das Pias tão gabada
e me deixais para mim
a peor, e mais ruim
já por Coimbra passada.

Os meus figos estremados
são, por modos differentes,
para vós figos presentes,
para mi figos passados:
vós com elles alentados
vindes commigo armar brigas;
e, por dar-me mais fadigas,
meteis com pressa não pouca
a vós os figos na boca,
a mi nos olhos as figas.

A canastra embarcação
é para vós sem perigos,
que vós sois meus papa-figos
sem para isso ter razão:
porque papa-figos são
velas, e mais passarinhos;
mas vós, ligeiros ratinhos,
os meus figos me comeis,
e á vela a elles correis,
como bando de estorninhos.

Deixais de ser meus amigos
pelos meus figos comer,
porque é certo não haver
amigo em tempo de figos:
como sois meus inimigos
e me tendes tal cenzeira,
tambem da mesma maneira,
quando na canastra entrais,
sem os figos me deixais,
e sem ramo de figueira.

De todos em conclusão
vós levais sempre os melhores,
eu levo sempre os peores
com bichos, e corrupção:
para vós os figos são
do Algarve muito estremados
todos bellos, e lavados,
todos figos de comadre;
para mi de máo compadre
ardidos e deslavados.

As amendoas me furtais,
e como as vedes tão bellas
no estomago com ellas
aos bons figos recheais,
as passas a vós passais
e lhes fazeis tais estragos,
que para vós são de Lagos,
para mi de Faro são,
pois só o faro me dão;
e a vós pelo faro os bagos.

Assim logo sem demora
em um limitado instante
para vós são de Alicante,
para mi são de Lichora:
e para vós é n'essa hora
boál, Lerém, e saria,
é bastarda, malvazia,
e, sendo tão estremada,
d'ella a canastra coitada
é mal cheia, e bem vazia.

Para vós as passas são
todas bellas e formosas,
todas de uvas graciosas,
para mi de uvas de cão:
toda a que vos vai á mão
é de uva moscatel,
toda mais dôce que um mel,
mas para mi um trovisco,
porque toda é de Mourisco,
peior que mouro de Argel.

Para vós passo de rir
é minhas passas comer,
mas para mi vem a ser
de chorar e de sentir:
então a vosso engulir
são bons passos de garganta,
mas por certo que me encanta,
que sejão passos inteiros
para vós; e pardieiros
para mi, com perda tanta.

Um jogo de passa passa
de minhas passas fazeis;
com graça sempre as comeis,
mas eu sempre com desgraça:
que vós pela vossa traça
lhe fazeis tal embaraço
que quando vou passo a passo
as minhas passas buscar
é só o que venho achar
seu bagulho e seu engaço.

Porque vós a deixais tal,
que entre ellas no melhor cacho
inteiro um bago não acho
para uma espinha carnal:
como a passa era boál
de mi para vós voou,
e passa que se passou,
depois d'uma vez passada,
ficou passa repassada
e traspassada ficou.

Passa hoje por lebre o gato,
por perdiz passa o francelho
por capão o gallo velho,
passa a gaivota por pato:
por Arraia passa o rato,
mas é cousa que me encanta,
que passando cousa tanta
com mentira e com trapassa
só a passa não me passa
para baixo da garganta.

Porém passa-me por alto,
e tanto por alto, que
mais meu olho não a vê
depois que lhe dais assalto:
eu então de passas falto
fico morfuz e mofino;
vós moendo-a de contino,
eu sem moer d'ella nada;
porque com agua passada
no puede moler molino.

Vós com bom jogo passais,
mas porém sempre é de falso,
e, como me achais descalso
as passas logo ganhais;
e, como em vós as levais,
d'ellas vos fazeis passeira,
assim da mesma maneira
depois de mui bem passadas
e no estomago guardadas
d'ellas ficais feitos feira.

Vós vestís de côr de passa,
com capricho e garavato;
eu visto de côr de rato,
que para mi não tem graça;
porque pano de tal traça,
sem ser da traça comido,
dos ratos está roído
com tais nodoas e tal damno,
que de tal côr e tal pano
hoje é mui triste vestido.

Porque está de tal maneira
com o tempo e c'o trabalho,
que nem para um espantalho
servir póde a uma figueira:
mas é tal minha canceira,
que podendo trapos tais
servir de espantar pardais
e a todos os passarinhos,
não podem espantar ratinhos,
nem das passas, nem do mais.

III

Para vós, minhas castanhas,
são enxertadas formosas;
rebordans, e mui ventosas
são para as minhas entranhas:
que vós com vossas manhas
logo d'ellas tomais posse;
colherinhas de herva dôce
são para vós n'um momento
e para mim são um vento,
que me faz catarro e tosse.

Vós a castanha moeis,
eu a castanha remoio,
e de a vêr tambem me moio
a pressa com que a comeis:
depois com ella fazeis
mais estrondo n'esta escala
do que uma peça com bala,
assim que em distancia pouca
a mi me estala na boca,
e a vós por baixo estala.

Esta grande traquinada
vós com a verde fazeis;
e se a pilada comeis
de maio sois trovoada.
Como a canastra estercada
tendes com vossa maranha,
temporã é a castanha,
para vós, é singular,
e m'a mandais esbrugar
com máo termo e ruim manha.

Tambem com vossas gracetas
e vossos pesados brincos
por castanhas me dais trincos,
que trincos são castanhetas;
para mi são graças pretas,
e me causam grande susto;
pois, fazendo eu o custo
d'essa castanha tão bella,
eu não faço nada d'ella,
vós d'ella fazeis magusto.

Mais são as vozes que as nozes
p'ra mim n'esta occasião,
e para vós n'esta acção
mais as nozes que as vozes:
vós jogais os arriozes
com ellas muito contentes;
e, sendo as nozes tão quentes,
eu fico d'ellas mui frio;
vós com calor e com brio,
com ellas ficais valentes.

Tambem um salta-martinho
de suas casas fazeis,
os miolos lhes comeis
e a mim dais o brinquinho:
para mim marramartinho
tal salta-martinho é;
e de sorte marra que,
em minha canastra entrando,
a tudo vai tope dando,
sem me deixar coisa em pé.

Dizem que uma feiticeira
em uma noite passou
á India, e de lá tornou
n'uma canastra ligeira:
não é coisa verdadeira,
porém vós, ratos sabidos,
alentados e atrevidos,
ás partes remotas mais
em uma noite passais
n'uma canastra mettidos.

Porque n'ella, em conclusão,
chegais na laranja á China,
no queijo passais a Smirna,
e no pão sempre ao Japão:
que isto tudo sem razão,
nem escriptura e concerto
sempre n'ella tendes certo,
e vindes cobrar assim
o queijo em fateozim,
o pão a rotulo aberto.

A canastra é uma herdade
para mim de matacão,
porque mata um homem são
quem lhe rouba a novidade.
Vós m'a roubais na verdade,
porque vós m'a desfructais;
e, como d'ella cobrais
renda, principal, pitanças,
até minhas esperanças
muito frustadas deixais.

Vós n'ella por sobremeza
achais doce, queijo e fruita,
mas eu acho trampa muita
com muita pouca limpeza:
vós vos levantais da meza
mais recheados que um paio;
eu tal, que de fome caio,
e com o doce melhor,
vós com boca de senhor,
eu com boca de lacaio.

Tambem a fazeis um beco,
porem não da cortezia;
mas rua suja á porfia
e casa de Jorge Sêco;
e, por ser maior seu peco,
fazeis ser canastra tal
de Lisboa por meu mal,
e por dar-lhe maior vaia
lhe chamais filha da praia,
neta do cano real.

Eu, sem comer nem fallar,
vós comendo e murmurando,
pois vos ouço estar chorando
toda a noute sem cessar;
pela manhã venho achar
a triste canastra cheia
de vossa immundicia feia;
e, sendo quem a sujais,
inda mais vos agastais
que quem a limpa e aceia.

Que esta é a carga certamente
que vós n'ella meteis só,
e eu logo digo *pó-pó,*
quando meu nariz a sente:
assim a limpo em continente
com muito grande presteza,
porque tenho por certeza
que me havia condemnar,
se assim a viesse achar
o Almotacé da limpeza.

Porque vós, por dar-me trella,
se o sono a dormir vos chama,
não só fazeis n'ella cama,
mas fazeis camara n'ella:
por ter tal segredo ella,
e não ser em nada varia,
se não vossa secretaria
a tendes feito com treta
pelo segredo, secreta,
por tudo o mais—necessaria.

E dizeis que nada perde,
porque póde sem paróla
ser de um calhandro gaióla,
ou de um papagaio verde:
e tambem que de um valverde,
senão de um mangericão
pode servir de boião,
e achar mui boa mama
em os rios de Cuama,
sendo n'elles galião.

E que da mesma maneira
por ter tão grandes cuidados
pode de frascos vidrados
ser uma boa frasqueira:
porque logo de carreira
não lhe faltarão doutores,
criados e servidores
a requerer sem empacho
da camara um bom despacho
por seus serviços maiores.

Em outras habilidades
não quero agora bulir,
porque me podem servir
para mais necessidades:
assim n'estas faculdades,
n'esta materia presente,
eu me sinto tão corrente,
que dizer agora escolho
o mal que faz vosso olho,
e o que faz vosso dente.

Doces, fructa, queijo e pão,
amendoas, passas e figos
de passarem tais perigos
me ficão sem osso são;
que estas cousas sem razão
vós deixais meias comidas,
tão sujas, tão abatidas
que ninguem as quer comer
pelas achar e as ver
de vossa boca roidas.

E com vossa industria e treta
fazeis minha ração franca
ser para mim sorte branca,
ser para vós sorte preta:
tambem a fazeis dietá
mas porém mui desigual;
que vós a fazeis real
para vós e muito ampona
dieta de *Ratis-bona*,
mas para mim do hospital.

E tambem, com graças loucas,
na canastra de dous pulos
a roupa ganhais por culos,
e o comer ganhais por bocas:
mas tais trocas e baldrocas
eu não quero ver, porque
em este jogo se vê
deixais com a vossa treta
em um cabo de palheta
a roupa e o comer á ré.

Vós da fructa cobrais ciza,
porque sois os seus cizeiros,
dos doces sois dizimeiros
e dos queijos malaguiza;
vós em tudo me dais piza
e de tudo por nivel
cobrais tributo a granel;
porém não de *Maure-gato,*
porque é de *Maure-rato,*
que é tributo mais cruel.

Mas mais facil de pagar
de Maure-rato ha de ser
este tributo a meu ver,
que o de Maure-gato dar:
porque onde se hão de achar
n'este tempo cem donzellas,
se feias, formosas, bellas
depois que o ouro reinou,
a todas em flor cortou
sem ficar flor com flor n'ellas!

Vós a roupa me rompeis,
o comer me rateais,
na canastra me sujais
e brechas n'ella fazeis:
dizei o que mais quereis
que a tudo vos direi—sim;
porque certo alcançar vim
que não sou n'estes contractos
já diabo para os ratos,
e que o sois vós para mim.

Porém inda o posso ser;
que, se não vos emendardes,
e tal manha aìnda usardes,
guerra vos hei de fazer:
então não me hei de valer
contra vós de forte gente;
porque, na guerra presente,
quem dar morte a ratos trata
é melhor ser uma gata
do que ser leão valente.

Assim que a guerra será
não guerra de cão com gato,
senão de gato com rato
que é para vós guerra má:
que eu não posso soffrer já
tanta perda, nem tal damno,
nem que um ratinho tyranno
me dê uma e outra vez
más horas em portuguez,
máos «ratos» em castelhano.

Mas rato, que este mal faz
e causa damno tamanho
não é pequeno murganho,
senão um grande arganaz:
rato que tem manhas más
faz mal, se n'ellas se fia;
porque sua valentia
póde cahir sem demora,
pois a casa cae uma hora,
que não cae em cada dia.

Assim já n'uma tigela
sete vossos companheiros
me ficaram prisioneiros,
captivos e mortos n'ella;
não me façais remoel-a;
sejam os sete vosso espelho,
que, se a tigella apparelho,
e outra vez a torno a armar,
me haveis de vir a pagar
de uma vez o novo e velho.

Porque aos sete de maneira
eu fiz mais males e damnos
do que aos sète Castelhanos
de Aljubarrota a forneira:
olhai que n'uma poeira
vos farei n'estes contractos,
dando-vos esfola-ratos
mui grandes n'esta occasião,
porque esfola-ratos são
peiores que os esfola-gatos.

Por isso agora, ratinhos,
pois conheceis meu rigor,
em remolho as barbas pôr,
vendo arder as dos visinhos:
porque os sete coitadinhos
m'o pagaram muito bem;
assim vigiar convem
porque, se nas horas más,
não ladram cães; se é sagaz,
não mia o gato tambem.

Mas pouco veio a importar
os sete que vos matei,
pois por sete, sete achei
cada um multiplicar:
assim vos vim comparar
com a hydra certamente,
a qual Hercules valente,
cortando-lhe uma cabeça,
logo via nascer d'essa
outras sete em continente.

Eu não sei d'onde vieram
tais ratos para meus males,
deviam nascer dos vales
que dos montes não nasceram;
porque dos montes disseram
que lá quando vos pariram
foi o parto que lhe viram
só um ridiculo *mus,*
mas contra mim muito crus
milhares d'elles cahiram.

Mas não é nenhum protento
haver d'esta geração
tal numero e multidão,
que ha rata que pare cento:
e não são cousas de vento
nem são pataratas minhas
o dizer n'estas trovinhas
que bem mais ratas pariram,
e do ventre lhe sahiram
já prenhes muitas ratinhas.

Que André Laguna isto diz,
Discorides, commentando,
e por isso o fui contando
n'essa decima que fiz:
e quando vós, ratos vis,
contra mim gente fassais,
para vós o mal buscais,
que eu tambem gente farei,
e será a que eu trarei
melhor do que a vossa mais.

Que vós sómente trareis,
ainda que aventureiros,
ladrõesinhos formigueiros
com que a guerra me fareis;
mas a minha ser vereis
gente de altenaria,
que com garra e unha de harpia,
com pena, balança e vara,
sempre ella cara a cara,
faz gateira cada dia.

Pois trarei em continente
um bom rancho de Siganos,
que com mentiras e enganos
são gatos de unha valente;
tambem trarei de repente
contra vós por capitão
a um famoso escrivão,
e um requerente com elle,
que vos tirarão a pelle
porque esfoladores são.

E, se gatos são bichanos,
e bichanos são rapazes,
contra tantos arganazes
a todos trarei tyrannos:
que a ratos que causam damnos
castigam os rapazes bem;
pois quando algum vivo tem,
pelo rabo bem atado,
como a touro agarrochado
dar-lhe morte todos vem.

E trarei um despenseiro,
e com elle um alfaiate,
porque um ou outro vos mate,
com sua unha ligeiro:
e trará por companheiro
o primeiro um comprador,
o segundo um mercador,
que estes todos em seus tratos
são muito famosos gatos,
e cada qual o melhor.

Tambem trarei n'esta linha
contra vós em meu favor
quem vos tem odio e rancor
que é decerto uma doninha:
com ella trarei azinha
uma formosa cegonha
que vossa pouca vergonha
castigue com unha rija
e de tanta sevandija
livre a canastra me ponha.

E com tal gente serei
de ratos Nero cruel
que a nenhum darei quartel,
e a nenhum perdoarei;
tantos males vos farei
que se diga n'esse dia,
vendo com tal tyrannia
dar-vos morte triste e feia:
«Mira Nero da Tarpêa
como Roma lá se ardia!»

Será fatal a batalha
e será mui grande a bulha,
pois vem de gatos patrulha
contra vossa vil canalha:
eu então, n'esta baralha,
com traça e industria minha,
se não tirar a sardinha
das brazas co'a mão do gato,
tirarei com ella ao rato
da canastra muito asinha.

E, se em garra tão cruel
algum de vós vivo colho,
se não lhe pozer trambolho,
lhe porei um cascavel:
este fará tal tropel
que aos mais faça fugir;
e, se eu então livre me vir,
farei logo a minha cama,
e, sem cobrar boa fama,
me irei deitar a dormir.

Ou me irei fartar de vinho;
porque, se a gata tomar,
então não me hade escapar
rata, rata, nem ratinho:
e, se contra vós me espinho,
me ireis logo de enfadado
fazer um gato pingado,
da Misericordia não,
senão montez e ladrão,
por me vêr de vós vingado.

Mas porém nada farei,
porque gato meador
nunca é grande murador,
e de mais já eu miei;
mas a mi mesmo direi:
«larga a gata, larga a gata!»
e, se a largar, rato ou rata
nenhum comigo se tome,
porque gato que tem fome
para a matar ratos mata.

E minha fome por fina
é n'este presente estàdo
fome de gato esgalgado,
que é peor do que canina:
e porque outra tal ruina,
nem outra de massa-gatos
me façais n'estes contractos,
serei Maria Leitôa
contra vós, porque era boa
Lé-lé para apanhar ratos.

IV

Mas vós podereis dizer,
vendo-me velho e doente
um a outro mui contente:
«papa ratos quer morrer».
E logo me ireis fazer
na canastra grandes roubos,
e porque é bradar de lobos,
serão brados escusados
porque cabem muitos brados
nos c... de ratos e lobos.

Com tudo assim me dispuz,
não havendo em vós emenda,
ser n'esta nossa contenda
cruel *felix* contra *mus:*
não bulais vós nos baús,
na canastra ia dizer,
porque o damno que tiver
me haveis de pagar de ciso:
Mira, Zaida! que te aviso,
quem te avisa bem te quer.

Porque se *felix* com *x*
vós fostes n'ella até agorá
com *s felis* agora
vos fará ser infeliz,
pois se mais n'ella bolis
não será felis incerto;
porque será muito certo
commum de dous n'este trato,
porque será gata ou gato
que vos ponha em grande aperto.

Olhai que n'ella se agacha
um gato com gram cautella,
e em achando o rato n'ella,
o que quer o gato acha:
logo o parte, fende e racha
para fazer d'elle migas,
porque de migas amigas
são as gatas e gatinhos,
e então aos tristes ratinhos
em os olhos mette as figas.

Tambem sempre vigiai,
porque um gato que é atroz
não vai por hi ás filhós,
mas por hi aos ratos vai:
e tambem álerta estai,
porque ha gato tão malvado,
que um dia estará calado
sem *miáo, miáo* dizer,
só porque possa colher
algum rato descuidado.

Tambem ha gato perverso,
que com unha acicalada
dará em um rato unhada
como se fôra máo verso:
outro por modo diverso
tendo-lhe odio e rancor,
diz que a ratos tem amor,
e não parecem patranhas,
pois os mette nas entranhas
que é gram fineza e favor.

Outro gato por limpar
de ratinhos umas casas,
como gato sobre brazas
por ellas costuma andar;
e, ouvindo o rato chiar,
a elle vai a correr,
e, se o chega a colher,
com tanta pressa o engole
que no estomago lhe bole,
e ás tripas lhe vai morrer.

Um rato, uma vez, cahiu
na mão de um gato esgalgado;
de fome o gato esganado
sem mastigar o engulíu:
mas, como o rato se viu
na barriga sem canceira,
deu n'ella uma tal carreira,
que sem nenhuma fadiga
lhe sahiu como lombriga
por sua porta trazeira.

E n'essa breve distancia,
antes de o gato o sentir,
ojos que lo vieron ir
no lo veran mas en Francia;
mas nem por isso jactancia
nenhum rato póde ter;
porque póde acontecer
andar, correr e saltar,
e depois de andar andar
póde á Beira vir morrer.

Tambem ha gato romano,
que sem ser gato de Italia,
mais do que gato de Algalia
vos fará suar, tyranno:
outro gato deshumano
sem orelhas, derrabado,
sem ser musico capado,
o sangue vos beberá;
mas porém que não fará
um mourisco desalmado?

E, se algum comvosco brinca,
olhai que brincos de gatos
não são brincos para ratos,
pois brincando a unha afinca:
elle vos parte e vos trinca,
morde, maltrata e arranha;
e gato que tem tal manha
que até arranha brincando,
que fará em se assanhando
se então ao rato apanha?

Que podeis vós esperar
de gatos, senão desgostos,
pois até seus maiores gostos
são com morder e arranhar?
Por que certo se hade achar
que tem tão má condição,
que, se em Janeiro occasião
tem para tomar a gata,
a morde, arranha, maltrata,
para fazer geração.

Olhai que com valentia
um facinoroso gato
de unhas curvas, nariz chato
ao campo vos desafia:
de mão, com ser covardia,
a tal desafio dai,
que ai! do gato, goai! goai!
que a entrar n'ella se atreva
que rato que o gato leva
dizem que gualdido vai.

E por isso a nenhum rato
brigar com gato está bem,
que um rato um fôlego tem,
quando sete tem um gato:
e com tão desigual trato
o fugir é boa estreia;
que uma gata fraca e feia
e um rato forte e valente
será um rato sómente,
mas a gata é gata e meia.

E, se o que usa cuida,
gata ruiva no seu trato,
por apanhar vivo um rato
faz-se cega, surda e muda;
e, se o rato se descuida,
e vivo o chega a colher,
com muito gosto e prazer
logo seus filhinhos chama;
e, com serem inda de mama,
nas unhas lh'os vai metter.

Porque ella, para ensinar
a caçar a seus filhinhos,
vivos lhe entrega os ratinhos
para n'elles se ensaiar:
e, se algum quer escapar,
a gata a elle se arroja,
e, se com elle se enoja,
lhe dá tão gram troquesada,
que cuidando não ser nada
uma gata é que se espoja.

De seu trato e seu contracto
tende, ratos, grande medo,
porque ha gato mais azedo
do que é rabo de gato:
não tenhais com elles trato
nem contendas, nem baralhas,
porque nas suas batalhas
tem na boca para as guerras,
duas fileiras de serras,
e nas unhas dez navalhas.

Tambem é cousa sabida,
e que a sabe toda a terra,
que nenhum rato na guerra
de gato foi gaticida,
e que sempre raticida
ser todo gato se achou;
e ao rato que apanhou
sem fazer processos largos,
nem replicas, nem embargos
á morte o sentenciou.

Que por fartos que estejais
não hade rato nenhum
dar punhada em gato algum,
e elle em vós muitas mortais:
e farto com ratos tais
ao sol se vai relamber;
porque sempre ouvi dizer
que farto se lambe o gato
depois que ao triste rato
o fez faminto morrer.

Deixai-vos de noute estar
dentro nos vossos buracos,
porque ha ratos ladrões cacos
que de noute vem rondar.
De dia podeis livrar
das unhas e seus rigores,
vendo ao longe suas côres;
mas porém de noute, não,
que de noute pardos são
ladrões, gatos e traidores.

Se vos faz ser confiados
o que disse do elephante
isso crê rato ignorante
e não ratos avisados:
que tais casos apertados
são só uma patarata;
porque elephantes não mata
quem é tão pouco valente
que anda fugindo da gente
e tem medo de uma gata.

Se por vêr-me um cego já
de mi não quereis fugir,
olhai, se o cego cahir,
que n'um bolo vos fará;
ou, quando não, se achará
por ser cousa verdadeira
que um gato vem de carreira
contra ratos descuidados
lá de cima dos telhados
por uma fresta gateira.

Que ninguem póde dizer,
na vida, que está seguro;
porque um perigo futuro
ninguem o póde saber.
Assim póde acontecer
donde menos se imagina
vir a um rato gram ruina;
por isso, antes de chegar,
vigiar e acautelar
é mui boa medicina.

Que de rato acautelado
nenhum gato se vingou;
mas do que se descuidou
qualquer se verá vingado.
Eu bem vos tenho avisado
por isso — guardar a pelle,
porque é muito nescio aquelle
que o contrario d'isto faz;
que onde quer o demo jaz
para haver de embicar n'elle.

Que entre flôres escondido
anda o aspid rigoroso,
e um gato que é manhoso
em um canto está mettido:
e, vendo rato perdido,
logo dar-lhe morte trata;
porque todo rato ou rata
que da toca erra o caminho,
e quem se farta de vinho
vai dar na Serra de Gata.

E tambem alerta estai,
porque inda é viva a tijella;
e, pois podeis cahir n'ella,
em a vendo, vos guardai.
Dos gatos lições tomai,
e andareis muito acertados;
porque gatos escaldados
da agua fria medo tem,
que de escarmentados vem
fazerem-se os avisados.

Não queirais experimentar
a pena de Talião,
porque é justiça, e razão
o dar morte a quem matar:
por fim vos venho avisar,
e dizer ultimamente
que se mais com unha e dente
usares tão ruim trato,
que, com unha e dente, o gato
vos matará cruelmente.

Mas vós de tudo zombais
e murmurais mal dizentes,
tanto que até entre dentes
trazeis o que mais gostais:
mas por muito que façais
com vossa boca damnada,
com vossa unha malvada,
não hade vosso rigor
n'estas trovas boca pôr,
nem tão pouco dar-lhe unhada.

Porque eu as fiz na memoria,
sem tinta, penna e papel;
porque rato algum cruel
d'ellas não fizesse escoria:
mas por ter de vós victoria
agora as quiz trasladar,
pois se rato lhe chegar
a roer, ou a morder
logo a vida hade perder
porque são um resalgar.

Tambem n'ellas vos fallei
já em Latim onze vezes
que nos versos portuguezes
ser mui grande erro eu sei:
mas eu d'elle adrede usei;
porque o medico avisado
vendo um enfermo arriscado
diz como discreto emfim:
murietur em Latim
que não o entenda o coitado.

Mas mais facil de entender
é o latim mais escuro
do que um verso culto e duro
para quem o chega a lêr:
que tal modo de escrever
é um fallar sem conceito,
um fallar muito imperfeito
de ruins linguas um paio,
um fallar de papagaio
que dá gosto e não proveito.

Se n'estas trovas roí
com má boca, e com máo dente
a varia sorte de gente,
dos ratos eu o aprendi:
que sempre dizer ouvi
é muito bom parecer
que se frade algum tiver
com o ladrão amisade
que ou ladrão será o frade
ou o ladrão frade hade ser.

Ora, ratos, pois estamos
n'uma casa como amigos,
por evitarmos perigos,
entre nós pazes façamos:
os trapos tambem partamos,
e escusaremos baralhas;
e d'essas mais vitualhas
roei espinhos e ossos,
cascabulhos e carossos,
cascas, codeas e migalhas.

Que eu *sape* ao gato direi
e quebrarei a tigela
para não usar mais d'ella
e vosso amigo serei:
tambem ao gato porei
no pescoço um cascavel,
porque ouvindo seu tropel,
vós em cobro vos punhais;
e, porque em nada bolais,
farei do ladrão fiel.

Este concerto aceitai,
termina aqui nosso pleito;
ponha-se em silencio o feito,
guerras e brigas deixai:
de mão a demandas dai,
haja paz de banda a banda,
porque nos adagios anda
um que diz mui bem e certo
que é melhor ruim concerto
do que é boa demanda.

Que nem já queixar-me espero
de vós, nem de vossos tratos,
mas de uma rata e dous ratos
com razão queixar-me quero:
é um rato o tempo fero;
outro o mundo maldizente;
rata a fortuna inclemente
que estes me tem destruido,
estes me tem consumido
com seu venenoso dente.

Só a morte, rata fera,
para vêr-me mais penar
não acaba de chegar
pelo gosto que me déra.
Chega pois, tyranna austera
para ser minha homicida;
porém vem tão escondida
com que eu não te possa vêr,
porque o gosto de morrer
não me torne a dar a vida.

Se é furtado este conceito,
e alguns dos outros tambem,
não é muito furtar quem
a tanto rato está affeito:
mas furtar não é defeito,
conceito tão excellente;
e mais quando é tão patente
que hoje o conceito melhor
ou já o disse o orador,
ou o poeta antigamente.

LIVRARIA CHARDRON

CARMELITAS, 144

HELIODORO SALGADO

O culto da Immaculada, 1 vol. br. 700
Nova Vida de Jesus (tr.) No prélo
S. Paulo (tr.). . . . . »

JOÃO GRAVE

Os Famintos (Episodios da vida popular), 1 v. 500
A Eterna Mentira, 1 v. 600
O ultimo Fauno, 1 vol. 500

RODRIGUES DE FREITAS

Paginas Avulsas. . . No prélo

GUERRA JUNQUEIRO

A velhice do Padre Eterno, 1 vol. . . . . 1$000
A victoria de França . 100
Baptismo de amor . . 200
Patria, 1 vol. . . . 800
In memoriam, 1 gr. vol. 2$000
Finis Patriæ 300
O crime 200
A lagrima 100
Oração ao pão . . . 120
Oração á luz. . . . 200

JOSÉ CALDAS

Historia de um Fogo-Morto, 1 vol. . . . 1$000
Os Humildes, 1 vol.. . 400
Os Jesuitas; a sua influencia na actual sociedade portugueza; meio de a conjurar, 1 vol. 600

GERVASIO LOBATO

A comedia de Lisboa, 1 vol.. 600

JOSÉ SAMPAIO (BRUNO)

O Brazil Mental, 1 vol. 800
Notas do exilio, 1 vol. . 600
A Ideia de Deus, 1 vol. 800
Os modernos publicistas portuguezes, 1 vol. . 800
Portugal e a guerra das nações . . . . . No prélo

THOMAZ RIBEIRO

A Delfina do mal, 1 vol. 800
Dissonancias, 1 vol. . 600
D. Jayme (Gr.), 1 vol. . 800
D. Jayme (Peq.), 1 vol. . 400
Sons que passam, 1 vol. 600
Vesperas, 1 vol. . . . 1$000
Thomaz Ribeiro e a sua obra . . . . . 2$000

FRANCISCO PALHA

Musa velha, 1 vol. . . 600

ANTHERO DE QUENTAL

Considerações sobre a philosophia . . . 200
Odes modernas . . . 400
Thesouro poetico da infancia 400
Oliveira Martins. . . 300
Sá de Miranda . . . 200

ALBERTO BESSA

Ondeantes 200
Em plena festa . . . 200

ALFREDO MESQUITA

De cara alegre, 1 vol. . 500

ALBERTO BRAGA

Os confidentes, 1 vol. . 400
Ceara alheia, 1 vol.. . 400

DE LELLO & IRMÃO

PORTO

PAULO DE KOCK

O meu amigo Piffard . .	500
Violeta, a ramalheteira .	500
O filho de minha mulher.	500
O amor passado e o amor futuro	500
Os sete bagos d'uva. . .	500
Jorgesinho	500
A creada	500
Gustavo o libertino . . .	500
O campo das papoulas. .	1$000
Florentina	500
Paulo e o seu cão . . .	500
O casal de Chamoureau .	500
A viuva Tapin	500
Frederica	500
O papá sogro	500
O rapaz mysterioso da esquina.	500
Um marido de quem se zomba	500
O menino Isidoro . . .	500
Aleixo e Georgina . . .	500
A menina Lisa	500
Um marido perdido. . .	500
A dama dos tres espartilhos	500
O neto de Cartouche . .	500
Scenas e quadros da vida parisiense	500
A verêda das ameixas. .	500
O cherubim	500
A snr.ª São Lamberto. .	500
O porteiro da rua da Barca	500
Um namorado caloiro . .	500
O burro do snr. Martinho.	500
Benjamim Godichon . .	500
A menina das tres saias .	500
O bandido Giovanni . .	900
Noiva de Fontenay das rosas.	500
Amores de duas irmãs. .	500
Tres amigos do collegio .	500
As mulheres independentes.	500
Um bom rapaz	500
As ligas da noiva . . .	500
Uma mulher singular . .	500

PAULO FÉVAL

A senhora viscondessa .	300
Os Jesuitas.	1$000
Os tribunaes secretos . .	3$000
Paraizo das mulheres . .	1$000

PIERRE ZACCONE

Mamã Rocambole . . .	500
Os prazeres do rei . . .	200

PIGAULT-LEBRUN

A loucura hespanhola. .	500
De menor para maior . .	500
Um como tantos. . . .	500
Tantas vezes vae o cantaro á fonte	500
Um rapaz sem cuidados .	500

PONSON DU TERRAIL

A justiça dos bohemios .	1$000
A mocidade de Henrique IV.	2$500
A rainha das trincheiras.	500
Memorias d'um gendarme	500
O pacto de sangue . . .	2$000
O rei dos bohemios. . .	1$000
O sem-ventura	1$200
Rocambole	15$000
Segunda mocidade do rei Henrique	900

RUY DA CAMARA

Viagens a Marrocos. . .	1$000

MAXIMIANO PERRIN

A mulher que se vende .	500
Como uma mulher se perde	500
O altar e o theatro . . .	450
O estroina	500
Um marido infeliz . . .	500

WENCESLAU AYGUALZ D'IZCO

A Maria hespanhola . .	1$000
Marqueza de Bella-flôr .	1$000